



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE CULTURAL**

**SIMÔNI COSTA MONTEIRO GERVASIO**

**MEMÓRIAS DOCENTES: O USO DA REVISTA DO ENSINO DO RIO GRANDE DO  
SUL A PARTIR DA DÉCADA DE 1950 NO MUNICÍPIO DE BAGÉ/RS**

**Bagé  
2017**

**SIMÔNI COSTA MONTEIRO GERVASIO**

**MEMÓRIAS DOCENTES: O USO DA REVISTA DO ENSINO DO RIO GRANDE DO  
SUL A PARTIR DA DÉCADA DE 1950 NO MUNICÍPIO DE BAGÉ/RS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação e Diversidade Cultural da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Educação e Diversidade Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica

**Bagé**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

G386m Gervasio, Simôni Costa Monteiro  
Memórias docentes: o uso da Revista do Ensino do Rio Grande  
do Sul a partir da década de 1950 no município de Bagé/RS /  
Simôni Costa Monteiro Gervasio.  
55 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Especialização)--  
Universidade Federal do Pampa, ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E  
DIVERSIDADE CULTURAL, 2017.  
"Orientação: Alessandro Carvalho Bica".

1. Educação. 2. História da Educação. 3. Imprensa Periódica  
Pedagógica. 4. Memórias docentes. 5. Revista do Ensino do Rio  
Grande do Sul. I. Título.

2017  
SIMÔNI COSTA MONTEIRO GERVASIO

**MEMÓRIAS DOCENTES: O USO DA REVISTA DO ENSINO DO RIO GRANDE DO  
SUL A PARTIR DA DÉCADA DE 1950 NO MUNICÍPIO DE BAGÉ/RS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação e Diversidade Cultural da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Educação e Diversidade Cultural.

Área de concentração: Educação

Monografia defendida e aprovada em: 14 de julho de 2017.  
Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica  
Orientador  
Unipampa

---

Profa. Dra. Isabel Cristina Ferreira Teixeira  
Unipampa

---

Prof. Mestre Wagner Terra Silveira  
Colaborador Externo Unipampa

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a pesquisa realizada com seis professores bajeenses que, a partir da década de 50, passaram a ter contato com a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, utilizando-a em seu trabalho docente. No caminho da pesquisa, que objetivava compreender de que maneira a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul influenciava os saberes e práticas de professores pesquisados, avaliando o potencial da Revista e sua aceitação por parte dos professores, surgiram também questões referentes as memórias docentes e a sua importância para a compreensão de um significativo capítulo da educação bageense. Neste trabalho, defende-se o professor como figura central do processo educacional, que recebe informações e indicações sobre como conduzir sua prática docente, mas que é o responsável por analisar e problematizar tais indicações, pondo em prática somente aquelas que julga adequadas e significativas para o seu contexto escolar. Com isso, mais do que pesquisar sobre a importância e relevância da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, este trabalho visa dar voz aos professores que utilizavam o material e, por meio do resgate de memórias, recontar sobre como as práticas docentes eram, de fato, influenciadas pela Revista do Ensino do Rio Grande do Sul. Assim, parte-se de ideias que defendem a importância da Imprensa Periódica Pedagógica ou Imprensa de Educação e Ensino, como um vasto campo de investigação sobre a educação, bem como de argumentações que ressaltam a importância de pesquisas sobre a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul e de trabalhos que destacam o funcionamento da memória, colocando o professor como sujeito da sua história. Para tal, usa-se a pesquisa qualitativa para a coleta e análise dos dados, pois entende-se a importância de compreender e interpretar fenômenos humanos e sociais, ao invés de somente descrevê-los ou explicá-los. Usa-se também das concepções sobre a História Oral como método de trabalho na coleta de dados das entrevistas. Por fim, obteve-se como resultados a reafirmação da importância da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, porém, neste contexto, a partir da perspectiva dos professores, que confirmaram a utilização e relevância do material como guia do trabalho a ser desenvolvido em sala de aula.

Palavras-chave: Memórias. Professores. Revista do Ensino do Rio Grande do Sul. Educação.

## ABSTRACT

The present work aims to present the results of a research carried out with six Bagean teachers who, from the 1950s, started to have contact with the *Revista do Ensino do Rio Grande do Sul*, using it in their teaching work. In the way of the research, which aimed to understand how the *Revista do Ensino do Rio Grande do Sul* influenced the knowledge and practices of teachers researched, evaluating the potential of the magazine and its acceptance by teachers, also raised questions about teacher memories and its importance for the understanding of a significant chapter of *bageense* education. In this work, the teacher is defended as the central figure of the educational process, who receives information and indications on how to conduct his teaching practice, but who is responsible for analyzing and problematizing these indications, putting into practice only those that he considers appropriate and meaningful for their school context. With this, more than researching the importance and relevance of the *Revista do Ensino do Rio Grande do Sul*, this work aims to give voice to the teachers who used the material and, through the rescue of memories, recount how the teaching practices were, in fact, influenced by the *Revista do Ensino do Rio Grande do Sul*. Thus, it is based on ideas that defend the importance of the Periodical Pedagogical Press or Education and Education Press, as a vast field of investigation on education, as well as of arguments who emphasize the importance of research on the *Revista do Ensino do Rio Grande do Sul* and of works that highlight the functioning of memory, placing the teacher as subject of his / her history. For this, qualitative research is used for the collection and analysis of data, since it is understood that the importance of understanding and interpreting human and social phenomena, rather than just describing or explaining them. It is also used from conceptions about Oral Memory as a method of work in collecting data from interviews. Finally, we obtained as results the reaffirmation of the importance of the *Revista do Ensino do Rio Grande do Sul*, but in this context, from the perspective of the teachers, who confirmed the use and relevance of the material as a guide of the work to be developed in classroom.

Keywords: Memories. Teachers. Revista do Ensino do Rio Grande do Sul Education.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Montagem contendo algumas capas da RE/RS.....	18
Figura 2 – Montagem com as fotos das entrevistadas na pesquisa.....	31
Figura 3 – Montagem de fotos dos ambientes das casas das entrevistadas.....	42

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Apresentação de dados de identificação das entrevistadas.....	32
Tabela 2 – Dados como as áreas de atuação e aposentadoria das entrevistadas.....	33
Tabela 3 – Informações sobre o acesso à RE/RS.....	34
Tabela 4 – Relatos sobre os materiais que as entrevistadas encontravam na RE/RS.....	36
Tabela 5 – Relatos sobre a importância da RE/RS.....	37

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>O PONTO DE PARTIDA.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>Imprensa Periódica Pedagógica.....</b>	<b>15</b>
<b>2.2</b>	<b>A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul.....</b>	<b>17</b>
<b>2.3</b>	<b>Definições sobre o Professor.....</b>	<b>20</b>
<b>2.4</b>	<b>Revistas e Professores.....</b>	<b>21</b>
<b>3</b>	<b>ARTICULAÇÕES SOBRE MEMÓRIA.....</b>	<b>22</b>
<b>3.1</b>	<b>Relações sobre memória.....</b>	<b>24</b>
<b>3.2</b>	<b>História oral.....</b>	<b>26</b>
<b>3.3</b>	<b>Sujeito da sua história.....</b>	<b>27</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>29</b>
<b>4.1</b>	<b>Quem são os entrevistados?.....</b>	<b>31</b>
<b>4.2</b>	<b>Utilização da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul.....</b>	<b>34</b>
<b>4.3</b>	<b>Opiniões sobre a RE/RS.....</b>	<b>37</b>
<b>4.4</b>	<b>Peculiaridades.....</b>	<b>40</b>
<b>4.5</b>	<b>Impressões da pesquisadora.....</b>	<b>41</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>49</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>51</b>

## INTRODUÇÃO

A possibilidade de unir Comunicação a Pedagogia que, por meio da Imprensa Periódica Pedagógica e, neste caso, da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, permite a realização de pesquisas em História da Educação, promove também a possibilidade de encontro entre áreas aparentemente distintas e com poucos elos, mas com fenômenos em comum. Assim, passa-se a considerar que é possível pensar em questões como credibilidade, influência, editoração e outros, em educação, assim como é possível pensar em metodologia, conteúdos escolares e planos de aula, em comunicação social, tal como fazia a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, ao transcrever para as suas páginas questões educacionais, sem deixar de executar as questões necessárias para a produção de um material de imprensa impresso.

Aliado a isso, surge também a questão de que ao pensar o funcionamento de uma revista editada entre 1939 a 1992 está tratando-se sobre História da Educação e, a partir daí, é despertado o interesse por olhar para as questões do passado, como uma possibilidade de compreensão sobre as engrenagens que ajudaram a constituir a educação realizada na atualidade.

Se vivenciamos inúmeros problemas educacionais hoje, e para muitos deles não possuímos respostas satisfatórias, a compreensão da história nos permite, ao menos, perceber quais fenômenos nos trouxeram até as questões atuais e, quem sabe assim, começar a desenhar novas possibilidades de futuro, conforme argumenta Bloch (2001, p. 74): “o passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa”. Assim também argumenta Le Goff (2003):

(...) o passado é uma construção e uma interpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história. Isto é verdadeiro em dois sentidos. Primeiro, porque o progresso dos métodos e técnicas permite pensar que uma parte importante dos documentos do passado esteja ainda por se descobrir. Parte material: a arqueologia decorre sem cessar dos documentos desconhecidos do passado; os arquivos do passado continuam incessantemente a enriquecer-se. Novas leituras de documentos, frutos de um presente que nascerá no futuro, devem também assegurar ao passado uma sobrevivência - ou melhor, uma vida -, que deixa de ser ‘definitivamente passado’. (LE GOFF, 2003, p. 25)

Pesquisar em periódicos pedagógicos históricos poderia ser simplesmente um exercício de olhar o passado, porém quando concepções sobre o funcionamento da imprensa são agregadas ao trabalho, é possível perceber reflexos pensados e arquitetados, uma vez que a imprensa sempre ocupou o espaço de propagar ideias e concepções como ideais a serem

seguidos e, que por mais que tenham sido pensados e formulados, apresentam-se como alternativas para o trabalho que, podem ou não ser seguidas, mas que sempre são sugeridas como a melhor solução.

Assim foi com a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul<sup>1</sup>, uma publicação editada e distribuída pelo governo, como um subsídio para os professores, mas que, como qualquer veículo de comunicação, era também um propagador de ideias e propostas tidas como as ideais por aqueles que as veiculavam. Rodrigues (2010, p. 313) argumenta que determinadas intencionalidades direcionadas aos professores, fazem parte da constituição de qualquer revista integrante da Imprensa Periódica Pedagógica:

A Imprensa Pedagógica pede que a tomemos em seus princípios, como aquela que veicula interesse de uma pessoa, uma instituição ou um grupo de pessoas com o objetivo de que sua mensagem seja incorporada. A Imprensa Pedagógica não divulga as informações de forma imparcial, neutra, ao contrário, divulga aspirações, concepções políticas, ideológicas, apresenta necessidades e objetivos específicos do grupo que propõem sua editoração, publicação. (RODRIGUES, 2010, p. 313).

Neste contexto, ao unir vozes de professores atuantes nas décadas de 60, 70 e 80 que relembram o trabalho que foi desenvolvido a partir da utilização da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, com a ideia de que a revista, enquanto uma publicação da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul, era a porta voz oficial das diretrizes curriculares do período em que foi editada e distribuída aos professores, pretende-se compreender a importância, influência e atuação da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul para os professores que a utilizavam.

Considera-se, também que, se, por um lado, é em sala de aula que o trabalho docente realiza-se, por outro, é ainda durante o planejamento das aulas que os objetivos e os caminhos metodológicos são traçados. Com isso, e tendo o professor como figura central do processo em que materiais, propostas e conteúdos são utilizados para o planejamento escolar, auxiliando o professor a decidir quais caminhos tomar e como organizar a sua aula, a possibilidade de revisitar memórias docentes instigadas a reviver momentos de planejamento de aulas amparados pelo uso da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, é uma alternativa para evidenciar as práticas educativas que representam a vida escolar em dado período, compreendendo os mecanismos que permeiam a educação e compõem o contexto escolar onde o professor está inserido.

---

<sup>1</sup> Este estudo tem a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul como material base para análise e interpretação dos dados coletados. No decorrer do texto, a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul pode ser citada ainda apenas como Revista do Ensino ou pela sigla RE/RS.

Tendo a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul como representante da Imprensa Periódica Pedagógica<sup>2</sup>, e mais recentemente intitulada Imprensa de Educação e Ensino, por ser destinada à formação continuada e à prática pedagógica do professor, revelando elementos que compõem determinado sistema de ensino em um período de tempo, tem-se que pesquisas realizadas a partir da sua análise são capazes de evidenciar a prática pedagógica sugerida ao professor, ajudando na compreensão dos caminhos percorridos pela educação até a sua realização nos dias atuais. Afinal, se a história não pode ser modificada, a sua compreensão está em um constante processo de construção e de ressignificação, pois quem a propõe são os sujeitos do presente. Logo, em pesquisas relacionadas a análise e compreensão de fatos sociais do passado, encontra-se vida, história e memória, que por estar em construção no presente, fazem sentido, emocionam e recontam fatos.

Em sintonia com Le Goff (2003), entendemos que o historiador tem a possibilidade de selecionar os documentos que lhe permitam investigar determinado fato histórico. Também, faz-se importante as contribuições de Lopes e Galvão (2001) quando explicitam que as fontes são a matéria-prima do historiador, visto que, sem as fontes, torna-se impossível investigar o passado e torná-lo pensável. Além disso, os autores argumentam pela necessidade de questioná-las e problematizá-las, uma vez que elas não falam sozinhas.

Assim, este trabalho objetiva compreender o papel prático desempenhado pela Revista do Ensino do Rio Grande do Sul e a sua influência em sala de aula a partir da década de 50 a partir de relatos de professores que utilizavam o material para o desempenho do seu trabalho. Para tal, foram realizadas seis entrevistas com professores atuantes no período em que a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul foi editada, e que tinham acesso ao material, coletando dados que ajudam a compreender a função e influência do material no trabalho desenvolvido em sala de aula.

Ao demarcar a intenção central desta pesquisa, deve-se também assinalar como objetivos específicos do trabalho a intenção de revisitar a importância da Imprensa Periódica Pedagógica, tendo como exemplo central a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, assim como objetiva-se também a compreensão de conceitos sobre Memória, História Oral e identidade docente.

---

<sup>2</sup> A Imprensa Periódica Pedagógica ou Imprensa de Educação e Ensino é considerada um campo de pesquisa que reúne e interpreta matérias educacionais realizados considerando também questões da imprensa, como editoração, diagramação e outros e, compondo assim, um campo de estudos. A opção pela utilização conjunta das duas nomenclaturas dá-se pelo fato que ambos ainda estão em utilização, embora verifique-se uma tendência pelo uso da segunda expressão em trabalhos mais recentes.

A justificativa que embasa tal pesquisa centra-se na possibilidade de utilização da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul como uma amostra da Imprensa Periódica Pedagógica que pode ter influenciado a construção do espaço escolar ao perpassar os principais eventos, conteúdos e discussões que balizaram a educação no período em que foi editada.

A complexidade e importância da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul podem ser percebidas na argumentação de que a publicação atravessou diferentes momentos da história e da política educacional, apresentando uma diversidade de interlocutores, além de uma diversidade de temas e enfoques, tendo permanecido em circulação entre 1939 e 1992, o que revela sua longevidade.

Já o caminho escolhido para a coleta dos dados que poderão demonstrar tal influência, são as memórias dos professores entrevistados, que revivem momentos e relatam fatos e experiências. Este estudo teve como perspectiva metodológica a pesquisa qualitativa, que segue o processo de coleta, transcrição e análise de dados, conforme explica Tozoni-Reis (2010):

A pesquisa qualitativa defende a ideia de que, na produção de conhecimentos sobre os fenômenos humanos e sociais, nos interessa mais compreender e interpretar seus conteúdos do que descrevê-los, explicá-los. (...) Assim como a observação, a entrevista é uma das técnicas muito presentes na etapa da coleta de dados da pesquisa qualitativa, em especial, no trabalho de campo. Ela tem como objetivo buscar informações na “fala” dos sujeitos a serem ouvidos, os entrevistados. Consideramos entrevista todo tipo de comunicação ou diálogo entre sujeitos “depoentes” e pesquisador, visando coletar informações que, posteriormente, serão analisadas. Toda entrevista exige um roteiro previamente definido e o grau de sistematização deste roteiro define o grau de estruturação da entrevista. (...) Na entrevista semiestruturada, as questões são apresentadas ao entrevistado de forma mais espontânea, seguindo sempre uma sequência mais livre, dependendo do “rumo” que toma o diálogo. Nesse tipo de entrevista, recomenda-se que o pesquisador crie um clima espontâneo e descontraído que contribua para se atingir os objetivos do estudo em questão (TOZONI-REIS, 2010, p. 5 – 25 - 29).

As entrevistas foram semiestruturadas, centradas no problema de pesquisa e gravadas em vídeo. De posse dos dados coletados, as memórias dos professores entrevistados serão revividas em busca de evidências que avaliem a importância e relevância da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul para aqueles que realmente utilizavam-na.

Trata-se de um estudo com ênfase ao campo investigativo da História da Educação, sobretudo no que tange à utilização da Imprensa Periódica Pedagógica. Lopes e Galvão (2001) argumentam pela utilização de revistas pedagógicas em estudos sobre a História da Educação, quando expõem:

Utilizados há mais tempo, e gozando de maior prestígio na pesquisa historiográfica, estão os jornais e as revistas. Os historiadores da educação têm se voltado, sobretudo, para os impressos que, pertencendo a esses gêneros, circulavam especificamente junto a um público escolar. Pesquisas que abordam a imprensa pedagógica (como fonte e/ou como objeto) e jornais produzidos por alunos, por exemplo, têm-se tornado cada vez mais frequentes. A análise dos editoriais, das cartas ao/do leitor e das seções componentes do impresso são fundamentais para uma história da educação, do livro e da leitura, das professoras (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 87-88).

Assim sendo, ao manipular a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul como fonte e objeto, e ao reviver as memórias dos professores que utilizavam o material em seu trabalho docente, busca-se perceber uma história que revela os indícios de como a prática do profissional estava sendo pensada e realizada no período e, principalmente, como as propostas veiculadas pela Revista eram aceitas e postas em prática pelos professores.

Dessa forma, para que seja possível desvelar os conceitos e ideias deste estudo, dividiremos a apresentação em três capítulos: o primeiro realiza a contextualização do tema e sintetiza as concepções sobre a Imprensa Periódica Pedagógica e a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, apresentando a história e funcionamento do material, além de buscar as primeiras definições sobre ser professor e a ligação entre os professores e a Revista; no segundo capítulo o foco é a memória e suas articulações com a História Oral e a formação da identidade do sujeito, como dono da sua memória; já o terceiro capítulo busca ilustrar as concepções defendidas anteriormente utilizando-se dos dados obtidos nas entrevistas realizadas e evidenciando os principais resultados encontrados.

Preliminarmente, é possível constatar que a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul foi um material de ampla circulação entre os docentes no período em que foi editada. Além disso, a partir das memórias dos professores entrevistados, compreende-se que a Revista chegava até os docentes por três principais caminhos: a compra avulsa, a assinatura e a disponibilização das escolas em reuniões pedagógicas, bibliotecas ou simples consulta na sala de professores. Os professores entrevistados relataram também que, mais do que um simples material para consultas didático-pedagógicas, a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul servia como subsídio para o planejamento das aulas e para a organização escolar do período, uma vez que oferecia variado e diversificado material, contemplando áreas distintas. A relevância da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul pode ser evidenciada por relatos que afirmam que tratava-se de um material com credibilidade e bem aceito pelos professores que o utilizavam.

## **2 O PONTO DE PARTIDA**

Esta pesquisa origina-se no desejo de compreender melhor os mecanismos que faziam parte do processo de aceitação e utilização da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul pelos professores que acessavam o material. Em estudo anterior<sup>3</sup> e que desperta o interesse no aprofundamento de questões relacionadas à Imprensa Periódica Pedagógica e a Revista do Ensino, constatou-se, por meio da análise dos editoriais publicados pela Revista do Ensino do Rio Grande do Sul entre os anos de 1971 e 1974, que a Revista, em um momento de reorganização do ensino promovido pela lei 5.692/71, era utilizada como um meio de comunicação direta com os professores, buscando transmitir, além de um discurso otimista e positivo sobre as mudanças, as diretrizes que deveriam guiar o trabalho docente. Neste momento, no entanto, a proposta do trabalho inverte-se e, busca-se, através das memórias de professores que atuaram em sala de aula usando das Revistas do Ensino, entender como estas orientações eram recebidas e se refletiam-se no trabalho docente diário.

Para tal, faz-se necessário o resgate de algumas definições acerca da Imprensa Periódica Pedagógica ou Imprensa de Educação e Ensino, da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul e sobre o Professor, esclarecendo quais ideias são utilizadas como pressupostos teóricos norteadores para a análise dos dados coletados.

### **2.1 Imprensa Periódica Pedagógica**

Ao estudar o lugar ocupado pela Revista do Ensino do Rio Grande do Sul junto aos professores que utilizavam o material, faz-se fundamental compreender o funcionamento da Imprensa Periódica Pedagógica ou Imprensa de Educação e Ensino. Parte-se, então, de concepções que argumentam que as revistas especializadas em educação constituem uma instância privilegiada para a compreensão dos modos de funcionamento do campo educacional, do trabalho pedagógico, das práticas docentes, do ensino das disciplinas, da organização dos sistemas, das reivindicações da categoria do magistério e de outros temas que emergem deste espaço profissional, conforme defende Catani (1996). Para ela:

---

<sup>3</sup> O artigo “Os editoriais da Revista do Ensino e as propostas de práticas e métodos transmitidas aos professores do Rio Grande do Sul na década de 70” foi elaborado como requisito para a obtenção do título de especialista em Linguagem e Docência na Universidade Federal do Pampa (Unipampa) no ano de 2014, e analisou 18 editoriais da Revista do Ensino entre os anos de 1971 e 1974 com o objetivo de averiguar se a Secretaria de Educação do Estado como editora das Revistas, as utilizava como meio de comunicação com os professores gaúchos, transmitindo propostas de práticas e métodos que deveriam ser utilizados em sala de aula. O artigo foi publicado no 20º Encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, realizado na cidade de Porto Alegre em 2014.

Acompanhar o aparecimento e o ciclo de vida dessas revistas permite conhecer as lutas por legitimidade, que se travam no campo educacional. É possível analisar a participação dos agentes produtores do periódico na organização do sistema de ensino e na elaboração dos discursos que visam a instaurar as práticas exemplares (CATANI, 1996, p. 117).

Nóvoa (2002) também argumenta pela importância e a função da *Imprensa Pedagógica*:

Na verdade, é difícil encontrar outro corpus documental que traduza com tanta riqueza os debates, os anseios, as desilusões e as utopias que têm marcado o projeto educativo nos últimos dois séculos. Todos os Atores estão presentes nos jornais e nas revistas: os alunos, os professores, os pais, os políticos, as comunidades... As suas páginas revelam, quase sempre 'a quente', as questões essenciais que atravessaram o campo educativo numa determinada época (NÓVOA, 2002, p. 30 - 31).

Dentre as características das revistas especializadas em educação, pode-se destacar sua ampla circulação e grande oferta de materiais como artigos a respeito do trabalho docente, resumos e materiais que podem ser transportados diretamente para o uso em sala de aula. Nas décadas de 50, 60, 70 e 80, cumpriam papel ainda mais destacado ao representarem uma das poucas fontes de pesquisa e informação para os professores, que enfrentavam algumas dificuldades na aquisição de livros, tampouco era possível sonhar com o advento da internet ou outros meios digitais de propagação de informação. Nesse contexto, as revistas pedagógicas compunham um conjunto de publicações destinadas ao magistério com a proposta editorial de tratar dos assuntos educacionais, servindo como um guia da prática cotidiana ao professor.

Tais características permitem a compreensão e reafirmação dos argumentos sobre a importância da *Imprensa Periódica Pedagógica* ou *Imprensa de Educação e Ensino*. Além disso, e especificamente ao se pesquisar a *Revista do Ensino do Rio Grande do Sul* como um exemplar da *Imprensa Periódica Pedagógica*, adentra-se também no campo de pesquisa da História da Educação.

Catani (1996, p. 116) defende que a partir da análise de um dado espaço de tempo de uma *Revista Pedagógica* é possível “reconstruir, num momento dado, estágios de funcionamento e estruturação do campo educacional”. A partir dessa ideia, a autora reforça a importância da *Imprensa Periódica Pedagógica* como uma fonte viva de informações do passado, além de apresentá-la como núcleo informativo para os professores que tem nas páginas das revistas pedagógicas “o discurso legítimo sobre as questões de ensino e o conjunto de prescrições ou recomendações sobre formas ideais de realizar o trabalho docente” (Catani, 1996, p. 116).

Em suma, a Imprensa Periódica Pedagógica ou Imprensa de Educação e Ensino, pode ser compreendida e caracterizada a partir do relato de Bastos (2002):

A imprensa pedagógica – jornais, boletins, revistas, magazines, feitas por professores para professores, feita para alunos por seus pais ou professores, feita pelo Estado ou outras instituições como sindicatos, partidos políticos, associações de classe, Igreja – contém e oferece muitas perspectivas para a compreensão da história da educação e do ensino. Sua análise possibilita avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e filiações ideológicas, as práticas educativas. [...] A imprensa periódica pedagógica é um instrumento de pesquisa que se apresenta como importante fonte de informação para a história da educação, que deve, enquanto tal, submeter-se ao crivo de uma adequada crítica documental. (BASTOS, 2002, p.49).

Entende-se, então, a Imprensa Periódica Pedagógica como uma vasta e importante fonte de conhecimento e informação a respeito da história da educação uma vez que funciona, em muitos casos, como guia para o *fazer* docente. As revistas especializadas em educação tem sua importância perpetuada ao longo dos anos, com o surgimento de novas publicações que, rapidamente conquistam credibilidade junto aos professores.

## **2.2 A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul**

A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul foi editada pela primeira vez em 1939 e publicada até o ano de 1942, tendo este período sido considerado a sua primeira fase de edição. Maria Helena Camara Bastos, uma das principais pesquisadoras sobre a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, traça, em várias publicações realizadas, um panorama geral sobre o surgimento e desenvolvimento da revista. Sobre a primeira fase da publicação, a autora explica que o objetivo era:

[...] ser um instrumento técnico-pedagógico de atualização permanente do magistério, elevando o nível qualitativo dos profissionais da educação, através da divulgação de experiências pedagógicas, da realidade da educação e do ensino, como apoio ao conteúdo das diferentes áreas que compunham o currículo do ensino elementar e posteriormente do 1º grau. A partir de 1971, com a reforma do ensino pela lei nº. 5.692, a revista amplia sua área de abrangência para os outros níveis de ensino (BASTOS, 2005, p. 339).

Sobre a segunda fase da revista, Bastos (2005) explica que o retorno para a circulação, em 1951, se deu após um período de interrupção de nove anos e contou com a ação das professoras primárias Maria de Lourdes Gastal, Gilda Garcia Bastos e Abigail Teixeira. A retomada da Revista do Ensino, segundo Bastos (2005, p. 51), visou ocupar a lacuna que se instalara no universo das professoras primárias, estagiárias ou em formação.

Durante seus 26 anos de atuação, conforme fala Bastos (2002, p. 52), a revista publicou cento e setenta (170) números, com oito a dez números anuais e uma média de 80 páginas “de material informativo didático pedagógico”.

Figura 1 - Montagem com algumas capas das Revistas do Ensino do Rio Grande do Sul



Fonte: Imagens do acervo digital do projeto “As Políticas Públicas de Formação de Professores em impressos pedagógicos: O caso da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1978)” da Unipampa Bagé, disponível em: <http://porteirass.unipampa.edu.br/projetorevistadoensino/>

A Revista do Ensino do RS contava com o apoio da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul e, após o ano de 1956, passou a ser de responsabilidade da supervisão técnica do Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais. Assim, tornou-se uma publicação oficial deste órgão, bem como adquiriu a função de divulgar as orientações de cunho pedagógico do centro de pesquisa. De acordo com o decreto nº. 17.750, de 31 de dezembro de 1965, que tornou responsável do CPOE/RS a Revista do Ensino, a publicação deveria ter por finalidade: “[...] divulgar assuntos educativos e de levar aos professores do Estado informações sobre orientação técnico-pedagógica e material didático, bem como de legislação ao ensino” (Art. 79, parágrafo III).

Pereira (2010) em sua tese de Doutorado explica o aparecimento, função e funcionamento do Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais (CPOE/RS). Segundo ele, até 1971, ano em que foi extinto, o CPOE/RS foi o grande norteador da natureza dos discursos proferidos nas páginas da Revista do Ensino, tendo intensa atuação junto ao magistério gaúcho por meio das páginas da revista.

A criação do CPOE/RS deveu-se à reorganização da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, quando, pelo Decreto de nº. 794, de 14 de junho de 1943, foi criado e vinculado ao Departamento de Ensino Primário e Normal. Suas funções estão especificadas no Decreto n. 794, de 17 de junho de 1943, e publicado no DOE do dia 11 de agosto de 1943, páginas 1 a 6. (Anexo 4). Com tais atribuições, o CPOE/RS assumiu uma importância ímpar no estado do Rio Grande do Sul no que se referia à produção de conhecimento sobre a infância, o desenvolvimento da criança e, principalmente, o modo como deveria ser exercida a função pedagógica junto a essa clientela, já que os estudos nos quais deveria concentrar sua atenção faziam do órgão uma referência quanto às variáveis presentes no processo educativo, tais como os aspectos biológicos, psicológicos, sociológicos, entre outros (PEREIRA, 2010, p. 46 - 47).

Sobre os desafios enfrentados pelo CPOE/RS, Pereira (2010) destaca que um dos principais objetivos do centro foi a reorganização e controle escolar nos diversos níveis.

Associando a este fato e revendo a história, desse período, entre 1943 a 1971, o número de estudantes passou de um total de 398.638 para 1.165.703 (Quadros, 2006). Logo, com essa massificação da educação, problemas até o momento, ausentes ou com pequena presença no cotidiano escolar despontaram com maior intensidade, tais como o analfabetismo, a evasão escolar ou a deficiência escolar, se comparada a idade do aluno e a série frequentada. Eram problemas e realidades que obrigavam o CPOE/RS a efetivar ações para intervir nessa realidade. Assim sendo, no ano de 1947 o Decreto de nº. 1.394, de 25 de março, ampliou as atribuições do centro, o qual assumiu também a tarefa de executar experimentações para o aprimoramento do ensino, bem como métodos de ensino, mensuração de rendimento de forma objetiva e, diante dos resultados revelados, propor medidas a fim de intervir nessas situações, se necessário. Assim, organizou-se o CPOE/RS em seções, as quais assumiram responsabilidades quanto às diversas ações tomadas pelo órgão (PEREIRA, 2010, p. 47).

Pereira (2010), ao considerar a organização e dinamicidade do CPOE/RS, conta que era constante a realização de atividades com o objetivo de formação e atualização dos professores gaúchos, que promoveriam a formação dos docentes ao estabelecer bases científicas. Com isso, fica evidente o caráter das informações que eram repassadas aos professores por meio da Revista do Ensino, bem como é possível perceber claramente a proposta do Centro ao editar a revista: transmitir aos professores gaúchos as diretrizes oficiais para o funcionamento do sistema de ensino.

Durante todo o seu período de edição, os professores/leitores tinham acesso à Revista do Ensino através da venda avulsa ou por assinatura e, logo, ganhou repercussão e credibilidade junto ao meio educacional de sua época. Para Pereira (2010):

[...] o que dava respaldo à Revista do Ensino/RS, além da qualidade e aprimoramento de suas edições, era o fato de oferecer um grande número de material e sugestões para o professor trabalhar em suas aulas, com encaminhamento metodológico minucioso. Assim, essas características tornaram a revista um órgão merecedor de respeito e, na perspectiva deste trabalho, fonte de onde se enunciavam verdades, as quais eram consideradas pelos seus leitores como tal. (...) Assim, compreendo a Revista do Ensino/RS como manifestação da imprensa educacional e de ensino de valor inestimável, uma vez que se constitui em uma referência

privilegiada para se assimilar o que se pensava, no caso, sobre matemática, de forma direta, pelo acesso aos diferentes discursos que circulavam em suas páginas nos artigos publicados sobre o tema. (...) considerando a tiragem que possuía a revista, é de se supor que teve um público de leitores fiéis, os quais a tinham como referência para ministrar suas aulas, preparar atividades para os alunos e elaborar planos de aula (PEREIRA, 2010, p. 56).

Bastos (2002, p. 54) também argumenta que a Revista do Ensino pode ser considerada “como um importante, e muitas vezes único, meio de (in) formação à disposição do professor e de utilização na sua prática cotidiana”. No caráter prático, a Revista do Ensino foi uma publicação oficial da Secretaria de Ensino do Rio Grande do Sul e do Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais (CPOE), organizada e direcionada aos professores com que tinha como objetivo claro transmitir aos docentes as práticas, métodos e ideias oficiais.

### **2.3 Definições sobre o Professor**

A Imprensa Periódica Pedagógica e a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul justificam-se a partir das necessidades dos professores. É para eles e por eles que todas as estratégias educacionais são formuladas e difundidas, afinal é o professor, em seu trabalho diário e solitário de sala de aula, que faz com que a educação aconteça, ao utilizar-se de subsídios capazes de oferecer modos, conteúdos e informações que contribuam com o trabalho.

Neste sentido, e por meio da compreensão de que é o professor uma das figuras centrais no processo educacional, que se faz necessária a discussão acerca da concepção do que é ser professor e quais as suas funções. Miranda (2008) define a docência como:

Uma ação educativa que se configura nos processos de ensino e aprendizagem e na produção de conhecimentos, não se limitando, portanto ao trabalho de sala de aula, mas para além de ministrar aulas, considera o professor um produtor de novos saberes e novas práticas embasadas na pesquisa (MIRANDA, 2008, p.2).

Tal proposta evidencia a função do professor de estabelecer as relações entre ensino e aprendizagem, bem como na questão da produção de conhecimento. Desse modo, podemos pensar na associação da figura do professor à produção e criação de estratégias pedagógicas.

Porém, embora farta de definições científicas, a profissão Professor ainda carrega consigo muitas dúvidas conceituais e práticas sobre o trabalho a ser realizado. A esse respeito, Franco, Libâneo e Pimenta (2007, p.21) defendem que a imprecisão conceitual acerca do trabalho docente leva ao “entendimento que quaisquer atividade profissional realizada no campo da educação, ligadas à escola ou extra-escolares, são atividades docentes”.

Baseado neste mesmo argumento, Carvalho (2011) em sua tese de doutorado a respeito do perfil do egresso do curso de Licenciatura em Pedagogia, tece uma crítica ao argumentar que a identidade deturpada do professor prejudica o desempenho de um papel mais claro e preciso dentro do processo educativo. Segundo ele:

Estamos nos acostumando (e não deveríamos) a ouvir uma série de definições e prescrições a respeito do que é (ou deveria ser) o professor. Estamos nos acostumando a sermos criticados pelos estrangeiros da educação (economistas, advogados, psicólogos, administradores de empresas, jornalistas, publicitários, sociólogos, políticos, entre outros tantos) a respeito do (suposto) fracasso do ensino em nosso país. Essas orientações (ou melhor, prescrições), que devem ser seguidas para que o indivíduo se torne um professor, para muitos podem parecer reconfortantes e tranquilizadoras, pois, de certo modo, eximem estes indivíduos de pensar a respeito dos seus próprios processos de constituição enquanto docentes. Por outro lado, tais orientações trazem consigo o alastramento da culpa e da má-consciência no professorado e nos acadêmicos em formação, já que os docentes e futuros profissionais nunca conseguirão dar conta de todas as demandas econômicas, políticas e sociais que lhes são impostas por um campo educacional voraz por novidades e cada vez mais volátil (CARVALHO, 2011, p.94).

Com tamanhas indefinições, a identidade docente fica, por vezes, ameaçada. Nem sempre são claras as indicações sobre quais atividades são responsabilidade do professor, quais assuntos devem ser tratados por ele, quais competências ele precisa desenvolver e etc, fato que abre ainda mais espaço para que publicações, como as especializadas em educação, sirvam como espaço de pesquisa, informação e debate sobre o trabalho docente.

Para esta pesquisa, a ideia de Libâneo (2010, p. 61-62), ao defender que “o professor deve ser um profissional competente e comprometido com seu trabalho, com visão de conjunto do processo de trabalho escolar (...) e capaz de pensar, planejar e executar o seu trabalho e não apenas um sujeito habilidoso para executar o que os outros concebem”, será a questão norteadora para pensar as questões postas pela Revista do Ensino aos professores e a postura dos mesmos ao receber tais indicações.

## **2.4 Revistas e Professores**

A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, desde sua proposta editorial, está atrelada aos professores, conforme defende Bastos (2002):

Vinculada à Secretaria de Educação e Saúde Pública, desde setembro de 1939, a revista procurava ser para o seu público leitor – magistério rio-grandense – um veículo das orientações didáticos-pedagógicas, da legislação do ensino, de notícias educacionais, em suma, da política educacional. Durante os anos de publicação, constituiu-se num significativo instrumento de propagação da doutrina pedagógica oficial; tribuna para diferentes especialistas, que expuseram seus pensamentos, refletindo o movimento de ideias, em nível regional e nacional (Bastos, 2002, p. 50).

A circulação da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul dava-se por meio de assinaturas ou compras avulsas em bancas de revista. A partir de 1971, com a reforma do ensino promovida pela lei nº 5.692/71, a Revista ampliou sua área de abrangência para, além do nível básico do ensino e, de uma publicação regional, alcançar os demais níveis de ensino e atingir o caráter nacional, com escritórios em diversos Estados, alcançando a tiragem de 55.000 exemplares, a maior de sua história. A esse respeito, Bastos (2002, p. 54) argumenta que “a tiragem é um significativo indicador da repercussão da Revista no meio educacional regional e nacional”.

Além da facilidade de circulação, as revistas pedagógicas possuem outra característica importante que é a facilidade de leitura e compreensão e, com isso, logo ganham espaço e credibilidade junto aos professores, integrando a rotina escolar como “conselheiras” e detentoras de respostas para as mais diferentes situações vividas em sala de aula.

### **3 ARTICULAÇÕES SOBRE MEMÓRIA**

Propostas de releituras da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul que buscam informações auxiliares no processo de compreensão sobre o ensino praticado no período em que a revista circulava, ganham novas características quanto somadas com as impressões pessoais dos professores que se utilizavam do material em seu trabalho docente. Neste ponto, mais do que tratar sobre a Imprensa Periódica Pedagógica e suas atuações, trabalha-se com Memória.

Neste trabalho, usa-se das argumentações de Le Goff (2003) sobre Memória, concebendo-a como fundamental para uma maior compreensão dos aspectos que fazem parte da história da educação. Para o autor, Memória é a capacidade de armazenar certas informações e propriedades, a partir do uso de funções psíquicas, revelando-se como fundamental para a preservação e compreensão de fenômenos sociais que se apresentam como um processo histórico, que observa e analisa as características culturais de um determinado povo. Com isso, entende-se que a sociedade como produtora e reprodutora de conhecimento deve preservar e reviver as histórias e culturas que representam a identidade de um povo.

Neste mesmo sentido, Davallon (1999), ao argumentar sobre a importância do surgimento da imprensa para a gestão da Memória, destaca que o uso de discursos e, principalmente, das imagens utilizadas pela imprensa, contribuem para a materialização da

memória social, uma vez que a imagem representa e, ao mesmo tempo, produz sentido. Para ele:

Eis então o que leva a pensar a imagem como um operador de memória social no seio de nossa cultura. Assim, voltemos a nossa hipótese. Com efeito, se a imagem define posições de leitor abstrato que o espectador concreto é convidado a vir ocupar a fim de poder dar sentido ao que ele tem sob os olhos, isso vai permitir criar, de uma certa maneira, uma comunidade – um *acordo* – de olhares: tudo se passa então como se a imagem colocasse no horizonte de sua percepção a presença de outros espectadores possíveis tendo o mesmo ponto de vista. Do mesmo modo – como explica Halbwachs – a reconstrução de um acontecimento passado necessita, para se tornar lembrança, da existência de pontos de vistas compartilhados pelos membros da comunidade e de noções que lhes são comuns; assim a imagem, por poder operar o acordo de olhares, apresentaria a capacidade de conferir ao quadro da história a força da lembrança. Ela seria nesse momento o registro da relação intersubjetiva e social. Restaria, então e enfim, considerar como a imagem intervém concretamente no estabelecimento de uma forma de memória societal própria à nossa época e à nossa sociedade; e, sobretudo, qual é a relação que se instaura entre o que poderíamos chamar de “a memória interna” (aquela situada nos membros do grupo) e “a memória externa” (aquela dos objetos culturais), mas isto seria perguntar sobre as características das estruturas mentais de nossa cultura e se engajar na psicologia histórica (DAVALLON, 1999, p. 31 - 32).

Neste caso, o que Davallon (1999) chama de “imagens” e as argumentações sobre como ela exerce funções sobre a formação da Memória, podem ser exemplificadas a partir do que é possível constatar sobre o modo de funcionamento da Imprensa Periódica Pedagógica e da Revista do Ensino, uma vez que os fatos, informações, sugestões, conteúdos e outros, constituem-se como imagens que são levadas aos diferentes pontos de vista dos professores que se utilizavam do material. Com isso, entende-se que as imagens produzidas e difundidas pela Revista do Ensino contribuem para a formação da memória social do magistério do período e, com isso, reviver as memórias desses professores é evitar o perigo de esquecer ou perder registros que relatam fatos históricos marcantes sobre a educação no período e, mais especificamente, sobre a atuação da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul.

Colaborando com a argumentação sobre a importância de preservar a Memória, Costa (2007, p. 2) lembra que “um dos fenômenos mais trágicos das sociedades pós-modernas é a ausência (ou perda) da memória, seja ela individual ou coletiva. Sim, hoje o homem é um infeliz desmemoriado”.

Ao destacar as memórias dos professores que se utilizavam da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, tem-se a possibilidade de uma releitura dos aspectos históricos e didáticos que norteavam a educação no período, ao mesmo tempo em que os entrevistados, por meio das memórias revividas, retratam determinados eventos, contam a sua história de vida e constituem novos sentidos para os fatos e sentimentos vividos, conforme destaca Sarlo (2007):

O sujeito não só tem experiências como pode comunicá-las, construir seu sentido e, ao fazê-lo, afirmar-se como sujeito. A memória e os relatos de memória seriam uma “cura” da alienação e da coisificação. Se já não é possível sustentar uma Verdade, florescem em contrapartida verdades subjetivas que afirmam saber aquilo que, até três décadas atrás, se considerava oculto pela ideologia ou submerso em processos pouco acessíveis à simples introspecção. Não há Verdade, mas os sujeitos, paradoxalmente, tornaram-se cognoscíveis (SARLO, 2007, p. 39).

Outra contribuição sobre a concepção de Memória que é utilizada neste trabalho aponta para o fato que a Memória permite que determinadas recordações inclua os sujeitos em determinados grupos e, com isso, é possível compreender que os professores que recordam-se do uso da Revista do Ensino em seu trabalho docente, fazem parte de um grupo social que, ao partilhar de experiências, lembra e relata fatos semelhantes, mas a partir de pontos de vistas distintos.

### **3.1 Relações sobre memória**

A preservação da Memória é motivo de preocupação e motivação já que, em diferentes contextos e suportes, é preciso refletir sobre o perigo de perder registros que relatam fatos históricos marcantes para uma determinada sociedade. A partir de Le Goff (2003), o conceito de Memória pode ser entendido como um insumo colaborativo para a construção do conhecimento de um povo e sobre um povo. Assim, a Memória, formada subjetivamente, apresenta-se como um meio de transmissão de experiências e modo de rever o passado. O autor relaciona, ainda, a Memória ao advento da escrita e da imprensa, como forma de preservação.

Sobre as reflexões de Le Goff a respeito da Memória, Silva e Lima (2009, p. 9789), defendem que “antes de uma ideia ser falada ou escrita, precisa primeiramente estar armazenada na memória” e acrescentam que sentimentos como desejo, afetividade e outros, estão relacionados com a manipulação da memória individual e coletiva, consciente ou inconsciente.

Ao argumentar sobre a Memória, muitos autores questionam também o papel da história. A esse respeito, Silva e Silva (2006, p. 56) defendem que “enquanto a história representa fatos distantes, a memória age sobre o que foi vivido” e apontam outras diferenças entre história e Memória:

Outra distinção entre história e memória está no fato de a história trabalhar com o acontecimento colocado para e pela sociedade, enquanto para a memória o principal é a reação que o fato causa no indivíduo. A memória recupera o que está submerso, seja do indivíduo, seja do grupo, e a história trabalha com o que a sociedade trouxe a público (SILVA e SILVA, 2006. p. 58).

Nora (1993) também nos propõe uma reflexão sobre história e Memória:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra; A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história é uma reconstrução do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual é laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (NORA, 1993, p. 7).

Sobre a concepção de história, posta como ciência do tempo, Le Goff (2003, p. 52) argumenta que ela “está estritamente ligada às diferentes concepções de tempo que existem numa sociedade e são um elemento essencial da aparelhagem mental dos seus historiadores”. Já a Memória, o autor define como “um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 2003, p. 469).

As ligações e interpelações entre Memória e história parecem compor uma das principais discussões a que se propõe este trabalho uma vez que as memórias dos professores pesquisados ganham força ao serem registradas e perpetuadas para, além do senso comum, comporem oficialmente parte da história que explica o funcionamento da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul.

Outro ponto diz respeito a formação da Memória coletiva, movimento percebido nesta pesquisa, uma vez que, embora as entrevistas tenham sido realizadas separadamente, com pessoas sem vínculos profissionais ou de amizade, apresentam dados e falas semelhantes. A esse respeito, Pollak (1992) explica:

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p. 2).

### 3.2 História oral

A proposta deste trabalho de pesquisa usa das concepções sobre História Oral, conforme explica Meihy (1998), ao dizer que quando estamos tratando da elaboração de documentos, arquivos ou estudos que se destinam perceber algum viés da visão social, estamos usando das ferramentas propostas pela História Oral. Para o autor:

Quer seja para o arquivamento de experiências, ou para promover entendimento ou explicação de determinadas situações, a história oral deve obedecer a um sentido prático, utilitário e dialogar com a comunicação pública. (...) Resultado dos avanços da tecnologia moderna, principalmente dos meios eletrônicos como o gravador, o vídeo e o computador, a história oral se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos da sua vida mantendo um compromisso com o contexto social. É preciso, contudo, deixar claro que não se pretende uma história oral em que os recursos tecnológicos supram as necessidades dos contatos diretos. Não se faz história oral por telefone ou por qualquer outro meio que anule a relação direta (MEIHY, 1998, p.17 - 18).

Sobre a definição de História Oral, ele esclarece:

História oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistados, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (MEIHY, 1998, p.24).

Em suas argumentações sobre História Oral, Meihy (1998, p. 23) explica ainda a possibilidade de compreensão do campo como método de pesquisa sempre que as entrevistas são o ponto central das análises e, elenca os elementos que constituem a condição mínima da História Oral como a presença de entrevistador, do entrevistado e da aparelhagem de gravação. Para ele “a base da existência da história oral é o depoimento gravado. Sem gravação não se pode falar em história oral” (MEIHY, 1998, p. 23).

Outra contribuição do autor é quanto às três modalidades de História Oral: História Oral de Vida, História Oral Temática e Tradição Oral. Percebe-se que a proposta desta pesquisa assemelha-se ao que o autor propõe como História Oral Temática, uma vez que parte de um assunto específico e pré-estabelecido e vale-se dos produtos obtidos com as entrevistas como um documento de análise na busca por esclarecimentos.

Um ponto destacado pelo autor é a confusão recorrente que iguala concepções de Memória e História Oral, uma vez que “história oral e estudos sobre memória narrada se valem de depoimentos, mas não se confundem” (MEIHY, 1998, p. 75). A diferença reside, segundo ele, na abordagem realizada pela entrevista. Enquanto o campo de estudo da

Memória irá buscar desvendar o trajeto das lembranças pessoais, já em História Oral, busca-se o registro da experiência vivida.

No sentido prático, para a história oral, memórias são lembranças guardadas e como tais dependem das condições físicas e clínicas dos depoentes, bem como das circunstâncias em que são dadas. Uma vez que a memória é sempre dinâmica, que muda e evolui de época para época, é prudente revitalizar seu uso, posto que o objeto de análise, no caso, não é a narrativa objetivamente falando, nem sua relação contextual, mas sim a interpretação do que ficou (ou não) registrado na cabeça das pessoas (MEIHY, 1998, p. 76).

Pollak (1992, p. 1) contribui com a discussão ao ponderar que em pesquisas com História Oral, que se utilizam de entrevistas “é óbvio que o que se recolhe são memórias individuais, ou, se for o caso de entrevistas de grupo, memórias mais coletivas, e o problema aí é saber como interpretar esse material”. Portanto, para Pollak (1992, p. 8), a crítica de que a História Oral como método, apoia-se na Memória produzindo representações e não reconstituições do real, não é verdadeira, pois “se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral”. Para ele, a chave para o entrave está no historiador e na sua capacidade de compreender que a cronologia dos fatos não é mais importante do que a vivência que cada sujeito possui do mesmo momento histórico, justificando porque alguns fatos são mais marcantes do que outros para diferentes indivíduos.

Desse modo, o que se pode perceber é que esta pesquisa, ao trabalhar com memórias docentes revividas a partir da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, está também fazendo uso de concepções trazidas pela História Oral, já que entende que essas entrevistas e os dados coletados nelas, são capazes de recriar parte da experiência vivida por determinado grupo de pessoas, que utilizava o mesmo material didático para formular as suas aulas. Ou seja, tendo como mecanismo disparador de memórias as Revistas do Ensino do Rio Grande do Sul, os professores, por mais que estejam recordando experiências pessoais, possuem um elo inicial que aproxima as suas vivências, experiências e resultados. As memórias destacadas tratam do mesmo assunto, são semelhantes e compõem um pequeno retrato histórico. A História Oral, neste contexto, é executada exatamente como se propõe: como método para coletar e dar tratamento aos resultados obtidos.

### **3.3 Sujeito da sua história**

No exercício de expressar memórias é que os professores entrevistados nessa pesquisa assumem o papel de sujeitos da sua história, aproximando-se de ideias como as defendidas

por Paulo Freire. Para Brennan (2000, p. 1), a concepção de sujeito de Freire aponta que “ele é sujeito por vocação o que lhe permite ultrapassar os limites do tempo e se lançar num domínio que lhe é exclusivo: construir sua história e sua cultura”. A partir dessa concepção, e embora Freire não tenha desenhado em seus trabalhos um conceito fixo para definir o sujeito, já é possível perceber sua preocupação em situar o homem como criador da sua história e da sua cultura.

Ainda sobre o trabalho de Freire a respeito da constituição do sujeito, Brennan (2000) destaca que ele se reporta constantemente à importância da cultura como invenção do homem e defende que a síntese do indivíduo pode ser compreendida por meio da sua produção cultural:

Na perspectiva freiriana a cultura vai significar a transfiguração expressiva de realidades vividas, conhecidas, reconhecíveis e identificáveis cujas interpretações podem ser feitas por todos os membros de uma formação histórica particular. Resgata uma concepção de cultura no sentido marxista como o resultado do fazer do humano na relação com a materialidade e a história. Freire, então, privilegia a herança cultural como determinante na evolução da compreensão de mundo. Pela herança cultural e pela experiência adquirida através da linguagem os indivíduos criam, recriam, integram-se ao seu contexto, respondem aos desafios, transcendem e dominam sua história e sua cultura. Essa integração faz criar as raízes de sua identidade. Daí o fato de Freire considerar a massificação cultural trazida pelo capitalismo internacional como o fator determinante do processo de desenraizamento cultural, destemporalização, acomodação e desajustamento de muitos povos e culturas. O conceito de cultura em Freire tem um forte conteúdo antropológico. Na sua concepção o homem faz cultura (BRENNAND, 2000, p.1).

As memórias docentes revividas nesta pesquisa podem, a partir da ideia de que os professores são os sujeitos de sua história e devem assumir o papel de sujeitos (re)construtores do mundo, ser compreendidas como resultado da experiência vivida pelos professores e integrantes da sua história e cultura. Com isso, é possível perceber os professores como sujeitos/atores da sua história, o que reforça a sua posição de destaque no contexto escolar. Brennan (2000, p. 4) argumenta que a ideia de que cada um é, na verdade, uma síntese da sua história, do conjunto das suas relações sociais ajuda a “compreender as diferentes nuances que envolvem o processo de formação do sujeito no limiar da sua relação com o eu, com os outros e com o mundo”.

Para Lima (2015), que argumenta pelo fim de concepções de sujeito como ser único e solitário, o sujeito, a partir de Freire:

Deve ser entendido em um sistema diferente (completamente diferente!): é sujeito em comunidade, em encontro e diálogo, histórico, com cultura, família, tradição e consciência. Este sujeito, quando oprimido, não precisa se tornar consciente, se tornar sujeito, mas trabalhar criticamente sua consciência, de modo a se perceber em situação-limite, em situação de opressão. Precisa participar ativamente do processo

de libertação, ser engajado em sua comunidade, produzir para sua comunidade e com sua comunidade. Perceber-se como parte construtora desse mundo. Seu trabalho tem sentido, seu conhecimento tem sentido: a libertação, sua comunidade em situação-limite. Sujeito que não é só, mas relacional (LIMA, 2015, p.1).

O envolvimento de um grupo de professores a partir de pontos de encontros em sua trajetória e história permite a compreensão da existência de um diálogo, uma tradição e consciência sobre o pertencimento a um mesmo grupo. Memórias partilhadas entre pessoas que vivenciaram o mesmo acontecimento, embora em momentos diferentes, as une. Pollak (1992, p. 5) argumenta que a Memória “é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” e reforça o pensamento de Freire, ao dizer que existe uma ligação entre a Memória, aqui entendida como formadora do sujeito, e a identidade individual e coletiva:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 5).

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A pesquisa que compõe este trabalho destina-se a compreender a influência e atuação da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul entre professores que, atuantes a partir da década de 50, utilizavam o material como subsídio para o preparo das aulas, uma vez que a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, como típico exemplar da Imprensa Periódica Pedagógica ou Imprensa de Educação e Ensino, propunha-se a ofertar farto e variado material didático, com sugestões para planos de aulas, atividades, testes e outros materiais que poderiam ser transportados pelos professores para as salas de aula.

Para tal, foram entrevistados seis professores bajeenses, atuantes em diferentes níveis e sistemas de ensino, mas que possuem em comum o uso da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul em sua prática docente a partir da década de 50. Os professores foram descobertos por

meio de indicações<sup>4</sup> e as entrevistas foram realizadas até que as informações coletadas suprissem as demandas levantadas pela pesquisa.

Sobre o número de entrevistados, Meihy (1998, p. 39), ao explicitar a História Oral como método, argumenta pela relevância dos dados coletados, evitando o saturamento dos argumentos. Para o autor “o argumento decisivo para marcar o limite do número de entrevistas remete à utilidade e ao aproveitamento delas. Na medida em que os argumentos começam a ficar repetitivos, deve-se parar”. Como, com o número de seis entrevistas havia-se atingido os três sistemas de ensino (municipal, estadual e particular) e as três décadas fundamentais de atuação da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (anos 50, 60 e 70), e com a repetição dos principais dados, foi possível constatar os resultados para as perguntas propostas na pesquisa, por meio de uma amostragem que perpassa todos os níveis do ensino bageense no período em questão.

As entrevistas partiram de um questionário semiestruturado, com perguntas abertas que, ao buscar refletir as opiniões dos professores sobre as Revistas, dispararam uma série de memórias que dão voz a mais do que lembranças, mas a sentimentos que recheiam a consciência dos docentes e revelam o trabalho, a história e o passado de sala de aula.

As entrevistas foram gravadas em vídeo e todo o material transcrito. Meihy (1998, p. 65) explica que a transcrição é a passagem da gravação oral para o escrito, visando “na moderna história oral, dar visibilidade ao caso tematizado ou à história narrada”. Com isso, a transcrição realizada não ocupou-se de uma passagem completa das falas e sons captados, preservando as marcas da oralidade e todos os itens presentes nas entrevistas. Aqui, buscou-se a essência do que estava sendo dito/recordado, assim como explica o autor:

Editar uma entrevista equivale a tirar os andaimes de uma construção quando esta fica pronta. Com isso, a primeira tradição quebrada é a do mito de que a transcrição de palavra por palavra corresponderia à realidade da narrativa. Porque uma gravação não abriga lágrimas, pausas significativas, gestos, o contexto do ambiente, é impossível pensar que a mera transcrição traduz tudo que se passou na situação do encontro. Além do mais, há as entonações e as palavras de duplo sentido. Uma das fundamentações da presença do entrevistador nas gravações é exatamente a apreensão dos detalhes do encontro (MEIHY, 1998, p. 66).

---

<sup>4</sup> A busca por professores que pudessem contribuir com dados para esta pesquisa deu-se por meio de conversas informais com pessoas ligadas à educação até que um primeiro nome fosse destacado por ter utilizado a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul e, a partir da primeira entrevistada, outras foram sendo lembradas e citadas. Uma única entrevistada fez o caminho inverso e veio em busca da pesquisa, oferecendo-se para participar após ter assistido a uma apresentação sobre as perspectivas e futuros trabalhos a serem realizados por esta pesquisa.

De posse dos dados coletados, as memórias dos entrevistados foram revividas na busca das respostas para as questões que permeiam este trabalho, sendo discutidas e analisadas a partir das concepções de autores que formulam análises sobre os temas.

#### 4.1 Quem são os entrevistados?

De todas as semelhanças entre os sujeitos desta pesquisa a mais marcante é que tratam-se todas de mulheres. O fato é uma casualidade, uma vez que não foi objetivo da pesquisa incluir somente mulheres, no entanto, não foi possível localizar nenhum homem que tenha utilizado o material e tenha se disponibilizado a participar da pesquisa. Outra semelhança entre cinco, das seis entrevistadas, está na formação inicial por terem cursado o "Curso Normal" ou "Magistério".

Figura 2 – Montagem com as fotos das entrevistadas



Fonte: Registros fotográficos realizados pela autora durante as entrevistas

Visando facilitar a compreensão sobre a identificação das entrevistadas<sup>5</sup>, além da apresentação conjunta de falas e impressões semelhantes, algumas informações serão agrupadas em tabelas. Opta-se, nesta pesquisa, pela apresentação das entrevistadas por ordem

<sup>5</sup> Todas as entrevistadas para esta pesquisa assinaram um termo de livre consentimento apresentado nos anexos deste trabalho, permitindo o uso e divulgação dos seus nomes e imagens na apresentação dos resultados deste trabalho.

cronológica de idade, uma vez que nos permite a comparação mais evidente com o período histórico da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul.

Tabela 1 – Informações básicas de identificação, com nome, idade quando da realização da entrevista e formação das entrevistadas.

<b>NOME</b>	<b>IDADE</b>	<b>FORMAÇÃO</b>
Cléo de Vasconcellos Nocchi	82 anos	Cursou a Escola Normal, no colégio Espírito Santo e fez a faculdade de Pedagogia na Universidade da Região da Campanha (Urcamp).
Maria Helena Mansur Deibler	78 anos	Formou-se em Letras em 1971, começou o curso de Psicologia e não concluiu e formou-se em Direito em 1975, todos na Urcamp.
Dione Goncalves da Silva	67 anos	Cursou a Escola Normal em Pelotas, formando-se em 1958. Fez o curso de Letras na Urcamp, com formatura em 1972.
Elenara Nunes Yanzer	64 anos	Fez o curso do Magistério no Colégio Espírito Santo, formando-se em 1970. Cursou Letras na Urcamp, concluindo em 1973.
Arlete Garcia Batistela	61 anos	Formou-se em 1975 no curso do Magistério no Colégio Espírito Santo e fez Pedagogia na Urcamp, com formatura em 1980.
Márcia Duro Mello	56 anos	Cursou Magistério no colégio Justino Quintana, com formatura em 1979 e fez Letras na Urcamp, formando-se em 1982.

Fonte das informações: Entrevistas realizadas entre maio e agosto de 2016 – tabela produzida pela autora.

Durante as falas e, mais especificamente, quando o assunto são as trajetórias de vida, alguns momentos evidenciam perfeitamente a capacidade das professoras de reviver emoções experimentadas há mais de 20 ou 30 anos, mas que ganham vida e sentido novamente à medida que as memórias são disparadas. Neste momento, surgem questões típicas ao magistério e ao universo feminino, como o dilema de muitas mulheres que precisam deixar os filhos aos cuidados de outras pessoas para cumprir longas jornadas de trabalho ou, ainda a questão do matrimônio como responsável pelo adiamento da conclusão dos estudos. São nestes momentos, que em alguns casos, até lágrimas surgem, carregadas de remorso ou de saudade. Podem-se evidenciar tais sentimentos na fala da Professora Cléo, a respeito da rotina familiar, de estudo e trabalho:

*Fazia escola normal, trabalhava e cuidava dos filhos pequenos. Mas, dava! Tinha dias que eu chorava, não queria mais ir para a escola normal, aí a minha mãe conversava e o meu marido também, e eu acabava voltando, até que terminei. Mas não era bom, eu não tinha tempo de estudar e faltava, precisava faltar, né? Com*

*criança pequena e a minha mãe que trabalhava também. Então não era fácil, mas foi indo, até que eu acabei (informação oral)*<sup>6</sup>.

A imposição familiar para a carreira do magistério é relatada pelas professoras Cléo, Arlete e Márcia, que desejavam buscar outras profissões, mas não puderam fazer, pois a família considerava o magistério o melhor caminho para elas. No entanto, assim como as demais, elas argumentam que após anos de trabalho, realizaram-se como professoras. A professora Márcia resume o sentimento de satisfação profissional: “Aquilo foi brotando, naturalmente. Foi uma indução materna, mas depois a vocação foi ficando forte. Até que me descobri professora e adorava” (informação oral)<sup>7</sup>.

Apesar da formação semelhante, as áreas de atuação de cada uma das entrevistadas são bastante diversificadas.

Tabela 2 – Áreas de atuação e aposentadoria das entrevistadas

<b>NOME</b>	<b>ATUAÇÃO</b>	<b>APOSENTADORIA</b>
Cléo	Começou a lecionar aos 21 anos, na rede municipal junto com a mãe. Após concurso, passou a lecionar na rede estadual.	Alfabetizou por 13 anos. Aposentou-se há 31 anos.
Maria	Começou a lecionar no colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em 1968, sendo a primeira professora da escola. Foi nomeada na rede estadual. Foi também Delegada Adjunta de Educação e Delegada de Educação.	Lecionou por 25 anos, Aposentou-se em 1998, mas continua realizando trabalhos voluntários.
Dione	Começou a lecionar em 1960 na rede estadual. Após a primeira aposentadoria, voltou a lecionar na rede estadual no Curso de Magistério, no colégio Justino Quintana.	Aposentou-se há 15 anos, mas por motivos financeiros, voltou a trabalhar. Pretendia aposentar-se definitivamente no final de 2016.
Elenara	Começou a carreira na zona rural, com unidocência (de 1ª a 5ª série), até ser nomeada na rede estadual. Trabalhou com direção, vice-direção e na Secretaria de Educação.	Tem 18 anos de sala de aula. Está aposentada há 10 anos.
Arlete	Trabalhou por 10 anos na rede particular com turmas de 2ª, 3ª e 4ª séries. Passou para a rede estadual, onde ainda atua no curso de Magistério.	Leciona há 42 anos.
Márcia	Começou a lecionar logo após a formatura do Magistério com contrato na rede estadual. Após, foi aprovada em concurso para a rede estadual.	Aposentou-se em 2007, quando atuava na rede estadual e particular.

<sup>6</sup> Entrevista concedida em 18 de maio de 2016.

<sup>7</sup> Entrevista concedida em 23 de agosto de 2016.

Fonte: Entrevistas realizadas entre maio e agosto de 2016 – tabela produzida pela autora.

Um ponto que não se assemelha entre as entrevistas é referente à aposentadoria. Como trata-se de professoras atuantes desde a década de 50, esperava-se encontrar todas aposentadas, mas no caminho da pesquisa, duas professoras revelaram-se ainda atuantes e, de modo semelhante apontaram os motivos para o retorno para sala de aula, mesmo após a conclusão do tempo necessário para a aposentadoria: o primeiro motivo é financeiro, expondo um problema clássico do magistério brasileiro e, ainda agravado, com a aposentadoria; o segundo é o sentimento de saudade e tédio com o tempo livre. Por outro lado, as demais entrevistadas mostraram-se satisfeitas com a aposentadoria, passando a exercer outras atividades e direcionando o tempo livre para a família.

Com a diversidade de áreas/locais de atuação das professoras entrevistadas e, ainda assim, a utilização da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, evidencia-se o primeiro argumento sobre a importância da Revista, que era capaz de abranger diferentes níveis, redes e contextos de sala de aula.

#### 4.2 Utilização da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul

Antes de entender a utilização da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul feita pelas professoras entrevistadas, faz-se importante saber como elas conheceram e tinham acesso ao material.

Tabela 3 – Informações sobre o acesso das entrevistadas à Revista do Ensino do Rio Grande do Sul

<b>NOME</b>	<b>COMO CONHECEU A RE/RS</b>	<b>EM QUAL PERÍODO?</b>	<b>COMO ERA O ACESSO AO MATERIAL</b>
Cléo	Recebia a RE/RS em casa, por meio da assinatura que a mãe fazia.	Nos anos 50.	Recorda-se que a assinatura não era barata, mas que ainda assim, era mais barato manter a assinatura do que comprar a RE/RS avulsa.
Maria	No colégio Justino Quintana, onde trabalhava.	Nos anos 70.	Como a escola recebia um único exemplar, os professores compartilhavam o material. Nunca comprou ou assinou a RE/RS.
Dione	Durante o curso Normal (em Pelotas), por meio da indicação dos professores.	No final dos anos 50.	Teve acesso, inicialmente, no colégio onde fez o curso Normal e depois assinou. Considera a RE/RS com valor acessível.
Elenara	Na rede municipal, em reuniões de formação	Entre 1972 e 1980.	Tinha acesso na escola, onde exemplares eram disponibilizados

	pedagógica.		para os professores.
Arlete	Na escola particular onde que trabalhava.	Nas décadas de 70 e 80.	A RE/RS era disponibilizada aos professores pela escola.
Márcia	No estágio do curso de Magistério, procurando materiais para fazer os planos de aula.	Anos 80.	Acessava inicialmente na Biblioteca da escola, depois passou a comprar a RE/RS.

Fonte: Entrevistas realizadas entre maio e agosto de 2016 – tabela produzida pela autora.

Tais dados nos permitem perceber que a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul possuía três modalidades de circulação: era possível adquirir as revistas de forma avulsa em bancas de revista, fazer assinaturas e receber o material em casa e, ainda, era possível acessar o material nas escolas, uma vez que exemplares eram disponibilizados aos professores pelas equipes gestoras. Também é possível apreender outro dado: apesar da RE/RS ser uma publicação estadual, possuía circulação na rede municipal e também na particular, o que reforça a ideia da ampla circulação e abrangência da revista. Outro dado importante apreendido é que a RE/RS era também indicada aos estudantes do curso Normal, como cita a professora Dione.

Segundo ela, que usou a RE/RS até, praticamente 1993, a indicação ocorria por dois motivos: “Porque na época as Revistas do Ensino eram o melhor recurso que tinha como auxiliar do professor. Era fácil ter acesso ao material, porque como qualquer outro material ou revista que tu assina, ele chega na tua casa e tinha um valor acessível” (informação oral)<sup>8</sup>.

Sobre a receptividade da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul entre os professores, três professoras destacaram que o material era bem aceito, que possuía credibilidade entre os professores, a exemplo do que comenta a professora Márcia: “Nós carregávamos nossos livrinhos e a Revista do Ensino junto. Sempre esperava a chegada de uma edição nova. Eu mesma, quando me dei conta de que era um material precioso, comecei a colecionar e aquilo ficou fazendo parte do meu dia-a-dia” (informação oral)<sup>9</sup>.

Em contraponto, a professora Maria, destaca que muitos professores desconfiavam da RE/RS por se tratar de uma publicação produzida pelo governo e que muitas vezes continha indicações político-pedagógicas. Para ela “não era uma orientação pedagógica que servisse para todos e nem havia tempo para tu ler a revista toda. Era uma Revista que ele tinha um cunho político que não agradava a todos os professores” (informação oral)<sup>10</sup>.

<sup>8</sup> Entrevista concedida em 19 de julho de 2016.

<sup>9</sup> Entrevista concedida em 23 de agosto de 2016.

<sup>10</sup> Entrevista concedida em 23 de maio de 2016.

As demais entrevistadas não expressaram uma opinião clara sobre o assunto, reforçando somente o caráter pessoal na opção pela utilização da RE/RS.

Outro ponto perpassado nas entrevistas é quanto aos materiais ofertados pela Revista do Ensino do Rio Grande do Sul.

Tabela 4 – Relatos sobre os materiais que as entrevistadas encontravam na RE/RS

<b>NOME</b>	<b>QUE TIPO DE MATERIAIS A RE/RS TRAZIA?</b>
Cléo	<i>“Trazia planos de aula completos para serem utilizados, desenhos, ilustrações para colocar em sala de aula”.</i>
Maria	<i>“Ali havia o editorial, que era muito político, e algumas materias didáticas escritas para os professores”.</i>
Dione	<i>“Os mais variados materiais e recursos. Ela trazia pesquisas para todos os níveis. Trazia sugestões de planejamento, sugestões de atividades, tanto para área de educação física, jogos, quanto para as áreas em geral, para todas as áreas. E trazia também o trabalho com datas, o Índio, Dia das Mães, Dia dos Pais, então na revista daquele mês, ela trazia sugestões de atividades para serem utilizadas nessas festividades”.</i>
Elenara	<i>“Vinha essa proposta da integração das disciplinas por meio do conteúdo que tu fosse trabalhar, então, para mim, era mais um guia, para tu te orientar e ai ir buscar mais informações, na bibliografia ou outras até que eles sugeriam, né? Ela ensinava a desenhar, a fazer. Vinha uma revista, por exemplo, o mês de junho, ai vinha Festa de São João, e vinha como fazer balões, como fazer dobraduras, como fazer material, e mais vinha os gráficos, os desenhos . Era uma revista bem variada, com sugestões, textos, tinha até partitura de música, e propostas dentro do conteúdo que tu tinha que trabalhar. Eu gostava muito, utilizada bastante, como sugestão, indicava livros, bibliografias”.</i>
Arlete	<i>“Eu acredito que na época, ela trazia bastante subsídio para o professor, no sentido do planejamento da sua aula e no planejamento das suas atividades”.</i>
Márcia	<i>“Planos de aula, objetivos e sugestões de conteúdo, em todas as áreas. Por exemplo, na Língua Portuguesa, já na época, em 1979, eu faria uma interdisciplinaridade, porque a revista já era interdisciplinar, só que claro, a gente segmentava para extrair o que a gente queria, mas a revista já era assim. Impressionante, eu gostava muito”.</i>

Fonte: Entrevistas realizadas entre maio e agosto de 2016 – tabela produzida pela autora.

Sobre os materiais veiculados pela Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, Bastos (2002, p. 50) explica que, sendo uma publicação oficial, o objetivo da revista era o de ser “o veículo das orientações didático-pedagógicas, da legislação do ensino, de notícias educacionais, em suma, da política educacional”, por isso, as páginas da RE/RS são repletas de propostas de aula, sugestões para planejamento de atividades, questões que devem ser

trabalhadas em sala de aula, discussões sobre problemas comumente enfrentados no contexto escolar, exatamente como detalham as professoras entrevistadas.

### 4.3 Opiniões sobre a RE/RS

As professoras entrevistadas nesta pesquisa são unânimes em afirmar a importância da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul.

Tabela 5 – Relatos sobre a importância da RE/RS para as entrevistadas

NOME	QUAL A IMPORTÂNCIA DA RE/RS?
Cléo	<i>“Muito importante. A gente não tinha outra revista, outra coisa, que eu conhecesse, eu não conhecia, que a gente pudesse tirar algo, era só a Revista do Ensino. Aprendia pela Revista. Era muito útil, para todos, eu sentia, não era só para mim”.</i>
Maria	<i>“Eu acho que tudo o que tu lê, seja revista ou livro, seja de que ideologia for, tem importância, porque te aguça o espírito crítico. Porque sem o espírito crítico tu não consegue levar a cabo o teu raciocínio. Se é boa a orientação que eles nos dão ou má, isso vai fazer com que aguça o teu espírito crítico, então sempre é relevante aquilo que se lê”.</i>
Dione	<i>“Era de máxima relevância. Eu posso dizer que era o material didático, extraclasse, mais importante, porque claro que as escolas recebiam materiais das editoras, mas eu acho que a Revista do Ensino era mais completa, mais de acordo com as séries em que a gente estava atuando”.</i>
Elenara	<i>“Eu acho que principalmente como subsídio. Primeiro, nós estávamos enfrentando uma reforma. Eu entrei em 72, então a reforma estava no auge, eu não peguei a parte anterior a reforma do ensino, que foi 71, né? Então eu não sei fazer uma comparação, porque quando eu entrei a reforma estava implantada. Só que era novidade para o grupo todo, muitas já vinham trabalhando e era complicado, porque mudou bastante. Agora, eu que estava entrando, foi uma fonte rica de orientação, de um caminho a seguir. E as pessoas para dar qualquer dica, ficavam também meio na dúvida, porque a reforma estava sendo implantada, então eu fui buscar as minhas informações, entende? E a Revista do Ensino foi uma delas, aquilo vinha mensalmente, então todo o mês tu tinha uma novidade. E aí tu tinha acesso, muitas coisas tu tirava direto, outras tu não conseguia tirar dali, mas tu tinha como recurso”.</i>
Arlete	<i>“Muito bom, se tu for analisar, até nos dias de hoje tem projetos ali, muito bons, que poderiam ser adaptados e utilizados. Era um material bem completo, inclusive vinha ali desde os objetivos dos planos até todas as atividades. Era um material importante, mas só que eu acho que na época isso não foi dado o valor que ela merecia, entende? Como muitas outras que surgiram depois, em outros governos, que era, como se diz, era uma “enchessão”, e que tinha que estudar, que tinha que fazer conforme estava ali, entende? Mas essa revista, mesmo nos dias atuais, muita coisa pode ser aproveitada. Alguns projetos que ali consta, o próprio planejamento, embora hoje tenha mudado um monte, mas no fim se tu vai ver, é tudo a mesma coisa, só muda a nomenclatura, mas não deixa de ser tudo igual”.</i>

Márcia	<i>“A relevância no período que eu utilizei, eu poderia dizer que foi relevância, não vou dizer 10, até poderia dizer 10, mas a gente nunca pode dizer 10, né? Porque varia conforme a política do governo, a intencionalidade e o uso que se faz da revista, então eu diria 9. Era um material muito útil. Ele era útil porque até ensinava a fazer objetivos, sabia? Ensinava a fazer os objetivos, a montar os conteúdos e sugestões de avaliação. Que mais que tu queres? Tudo pronto ali. Maravilhoso, eu considerava”.</i>
--------	--

Fonte: Entrevistas realizadas entre maio e agosto de 2016 – tabela produzida pela autora.

Embora argumentando a partir de diferentes pontos, as professoras confirmam a importância da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul principalmente pela oferta de informações e propostas didáticas. Para Bastos (2002, p. 54), o sucesso da RE/RS está calçado exatamente na “característica de fornecer farto material didático ao professor, junto com orientações metodológicas”, fator que é possível ser apreendido a partir das respostas encontradas nessa pesquisa.

Outra informação relevante obtida com a pesquisa diz respeito ao fato das professoras seguirem, ou não, as indicações da RE/RS. De todas as entrevistadas, somente a professora Maria disse não seguir as indicações da revista, pois desconfiava do seu caráter político. As demais, no entanto, afirmaram que seguiam as indicações, mas que elas não eram transportadas inteiramente para a sala de aula, sendo necessários sempre ajustes e complementações, assim como afirma a professora Márcia:

*Seguia como um precursor, uma primeira linha. Se dizia para identificar as classes gramaticais, eu fazia, mas eu queria mais, então eu alargava mais aquilo, pesquisava mais coisa, eu colocava a professora Márcia fazendo a identificação das classes gramaticais, baseado, é claro, no método e tudo o que eu aprendi no magistério (informação oral)<sup>11</sup>.*

E também a professora Arlete:

*Eu acredito que a gente sempre tem que adaptar com a realidade da tua turma, do local, porque essas revistas eram feitas a nível nacional, e cada região tem as suas características, peculiaridades, então claro que tem que se adaptar de acordo com a realidade. E é isso que eu sempre digo para as minhas alunas, na hora de planejar, a gente tem que planejar de acordo com a realidade do nosso aluno, ou da nossa região, ou da nossa cidade (informação oral)<sup>12</sup>.*

Tais falas evidenciam uma característica marcante do magistério, que por mais que sofra influências externas, tem sempre no professor a figura central, responsável por conduzir

<sup>11</sup> Entrevista concedida em 23 de agosto de 2016.

<sup>12</sup> Entrevista concedida em 28 de julho de 2016.

a classe e avaliar quais estratégias são necessárias em cada momento. A premissa de que os conteúdos, planos, atividades e outros, devem sempre ser adaptados a cada realidade escolar é um dos conceitos básicos trabalhados nos cursos de Magistério e nas licenciaturas e, com isso, este resultado também já era esperado na pesquisa, pois jamais imaginou-se que as professoras, apesar de toda a influência recebida pela RE/RS, não compreendessem a necessidade de adaptar as indicações da revista para o seu contexto de sala de aula. Este trabalho de adaptação, de enquadramento das propostas dentro das necessidades da turma, é a essência de um trabalho docente atento e planejado.

A credibilidade da RE/RS com as professoras pode ser medida também a partir da compreensão de que o material supria as necessidades dos professores que o buscavam, afinal, de nada adiantaria ofertar farto material didático e pedagógico, se ele não fosse ao encontro das necessidades docentes. Neste aspecto, mais uma vez, as professoras entrevistadas nesta pesquisa foram unânimes em afirmar que a RE/RS supria as necessidades dos professores no período, no entanto, três professoras destacaram que, embora utilizassem a RE/RS para o seu planejamento escolar, buscavam também outros materiais, como fica evidenciado na fala da professora Elenara:

*Me chamavam de Alice no País das Maravilhas, porque onde eu ia fazer o meu diário, eu tinha livros por todos os cantos, então eu não usava só a Revista, ela era um subsídio, e até indicava um caminho, porque tinha muitas coisas que tu aproveitava mesmo, tinha muitas sugestões que tu tirava dali direto para aplicar, outras tu tinha que buscar um complemento, ampliar mais. E foi através do uso da Revista que eu cheguei num ponto que ela trazia sugestões de assuntos como, por exemplo, o mês de junho, tinha uma sugestão de pesquisa sobre a origem da Festa Junina e se não encontrava mais nada, não encontrava texto, eu elaborava o texto. Sempre tive facilidade em redigir, aí eu elaborava o texto e era o texto que eu trabalhava em sala de aula, depende muito de cada pessoa, cada um tem uma técnica para trabalho em sala de aula (informação oral)<sup>13</sup>.*

Já a partir da fala da professora Márcia é possível perceber que, ao mesmo tempo em que a RE/RS era muito utilizada pelos professores, ela também possibilitava que eles, a medida que ganhassem mais experiência no magistério, fossem elaborando suas próprias propostas. Segundo ela:

*Ali tinha tudo o que eu precisava, tudo o que eu queria. Sugestões, tinha objetivos, tinha conteúdo, então eu me baseava por ali para fazer. Claro, eu inseria de acordo com as necessidades da turma, da escola, da região, das prioridades básicas, mas a Revista do Ensino foi uma grande mestra para mim. Dentro de um primeiro momento, não vou mentir, supria. Só que, falo de mim, da minha experiência, exigência pessoal, o que eu fazia? Eu tomava como base aquela linha e*

---

<sup>13</sup> Entrevista concedida em 04 de julho de 2016.

*eu aprofundava a minha maneira. Eu readaptava, a gente sempre busca o subsídio, mas na hora de fazer eu alargava os conteúdos (informação oral)<sup>14</sup>.*

#### **4.4 Peculiaridades**

Apesar de todas as entrevistas terem sido realizadas a partir de um mesmo questionário semiestruturado de perguntas, em alguns momentos, as conversas tomaram diferentes rumos para abarcar questões peculiares de cada entrevistada.

A questão da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul ser uma publicação produzida pelo governo, por exemplo, surgiu nas entrevistas das professoras Maria, Arlete e Márcia, que veem o aspecto de pontos de vistas diferentes. Enquanto as professoras Arlete e Márcia não definem como problemático o fato da RE/RS ser uma publicação do governo, a professora Maria tem outra opinião, segundo ela “os anos 70 eram muito idealizados pelo militarismo, eram os anos de ditadura, e a Revista era uma revista mais voltada para o ideal, não só didático, mas também esse ideal que não se aproximava do que a gente pensava a respeito da liberdade, da democracia” (informação oral)<sup>15</sup>.

A professora Márcia destaca que os professores tinham conhecimento do fato, mas argumenta pela questão em outro sentido:

*Sim, tínhamos conhecimento. E, isso para nós na época, nos soava, não como estranho, não soava como estranho, nos soava como uma benesse, que uma Secretaria tivesse a capacidade de fornecer, com aquele material de qualidade, aquela revista para auxiliar e que nem era para auxiliar, era praticamente um trabalho pronto (informação oral)<sup>16</sup>.*

A professora Márcia também indica outra peculiaridade no uso da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, como um material para o estudo para concursos. Ela relata que foi aprovada em 1º lugar no concurso para o magistério estadual, utilizando a RE/RS como subsídio para o estudo:

*Ela tinha instrumentos de objetivos, de conteúdos de sugestões e ainda tinha uma parte que te direcionava as leis e diretrizes básicas da educação, que era o ensino que tu fazia. Era como te por a par do que estava acontecendo em termos de lei. Por exemplo, se fosse nas épocas de hoje, se a Revista do Ensino fosse nas épocas de hoje, ela teria que ter um adendo no final, que ela sempre tinha, das leis educacionais do momento. E era nela que eu bebia, eu sempre sabia de tudo o que estava acontecendo no momento, porque? Porque eu lia a Revista do Ensino e lá estava escrito. Então, era uma fonte de quê? De conhecimento para o professor (informação oral)<sup>17</sup>.*

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida em 23 de agosto de 2016.

<sup>15</sup> Entrevista concedida em 23 de maio de 2016.

<sup>16</sup> Entrevista concedida em 23 de agosto de 2016.

<sup>17</sup> Entrevista concedida em 23 de agosto de 2016.

Outra característica que pode ser evidenciada nas entrevistas das professoras Dione e Márcia é que a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul era indicada aos alunos dos cursos Normal e, posteriormente, do Magistério, ficando disponível nas bibliotecas das escolas para consulta. A professora Cléo, em sua entrevista, também destacou uma peculiaridade: a prática da Revista do Ensino em indicar outros materiais, como livros, para que os professores complementassem as suas necessidades. Essas peculiaridades demonstram um caráter mais volátil da RE/RS, que atendia a diferentes necessidades em diferentes contextos.

#### **4.5 Impressões da pesquisadora**

O contato direto com as entrevistadas, desde o agendamento das entrevistas até a sua realização, gera, mais do que dados a serem analisados, impressões e reflexos também na entrevistadora/pesquisadora. Fatos que, se por um lado, pouco dizem sobre o funcionamento da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, muito mostram sobre os vínculos produzidos e sobre o fazer docente, que também é um dos aspectos pesquisados neste trabalho. Com isso, algumas situações ajudam a contar o contexto em que as entrevistas foram realizadas e, assim, a compreender melhor os dados obtidos.

O estabelecimento de laços de amizade entre o entrevistado e o entrevistador durante a entrevista é uma das primeiras características percebidas e, em alguns casos, é somente após o estabelecimento deste laço, que o entrevistado permite-se descobrir com mais clareza. Não à toa, durante este caminho de pesquisa, o questionário semiestruturado que vinha sendo aplicado, precisou ser reformulado, tendo suas perguntas invertidas de modo a instigar primeiro as memórias a respeito do ser docente, aspecto que emociona e cativa os professores para, somente após, serem iniciadas perguntas relativas aos espaços de tempo e contextualização dos professores.

Com o laço de amizade estabelecido, é visível o titubear em responder algumas questões com opiniões que podem fugir do esperado pela entrevista, quase que em uma tentativa de não “desagradar” ou “atrapalhar” o trabalho. Do mesmo modo, em todos os casos, ao final, houve o questionamento sobre a importância e relevância da participação da entrevistada, na tentativa de confirmar, se de fato, a participação da entrevistada foi importante e contribuiu para a pesquisa, em um nítido movimento de sentir-se útil, contribuindo e auxiliando.

Junto ao sentimento de amizade, vem o de gratidão. Do lado da entrevistadora, pela doação de tempo e partilha de memórias que são importantes para desvendar as instigações da pesquisa e, de outro, da entrevistada, que foi ouvida, recebeu atenção e pode reviver suas

memórias e emoções. Esta capacidade de reviver emoções por meio das Memórias pode ser entendida a partir do argumento de Le Goff (2003) que justifica que o conjunto de funções psíquicas que compõem a Memória, permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas.

Um aspecto interessante observado durante as entrevistas é quanto à personalidade das entrevistadas e características em comum. As entrevistas foram realizadas nas casas das entrevistadas, sendo possível, com isso, observar que estes espaços são também repletos de memórias, traduzidas em objetos. São quadros, fotografias, bibelôs que, quando tem seu significado revelado, mostram-se como aparatos que ajudam a preservar a Memória. Durante a primeira entrevista realizada, por exemplo, após o término das perguntas, a entrevistadora foi levada por um passeio por entre porta-retratos que recontam a história da família. É possível fazer uma correlação com estes objetos e o que Le Goff (2003) chama de monumentos, que segundo ele são lugares de externalização da Memória, ou seja, a Memória nas coisas.

Figura 3 - Montagem de fotos com detalhes encontrados nas casas das entrevistadas



Fonte: Registros fotográficos realizados pela autora durante as entrevistas

Ao buscar lembrar-se de fatos e datas, algumas memórias falham e a expressão “Eu não lembro” é bastante recorrente. Silva e Silva (2006, p. 45) destacam que Freud no século XIX problematizou a memória humana, trazendo à tona seu caráter seletivo. Tal peculiaridade pode justificar a existência de sentimentos que não devem ser revividos por causar estranheza, dor ou desconforto. Os autores apontam que “nos lembramos das coisas de forma parcial, a

partir de estímulos externos, e escolhemos lembranças. Freud distinguiu a Memória de um simples repositório de lembranças: para ele, nossa mente não é um museu” (SILVA e SILVA, 2006, p. 45).

Sobre algumas semelhanças encontradas entre as entrevistadas, encontra-se também em Silva e Silva (2006) a argumentação sobre a formação da Memória coletiva, que justifica que grupos semelhantes possuem recordações parecidas sobre determinados fatos:

Mas a memória não é apenas individual. Na verdade, a forma de maior interesse para o historiador é a memória coletiva, composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo. O estudo histórico da memória coletiva começou a se desenvolver com a investigação oral. Esse tipo de memória tem algumas características bem específicas: primeiro, gira em torno quase sempre de lembranças do cotidiano do grupo, como enchentes, boas safras ou safras ruins, quase nunca fazendo referências a acontecimentos históricos valorizados pela historiografia, e tende a idealizar o passado. Em segundo lugar, a memória coletiva fundamenta a própria identidade do grupo ou comunidade, mas normalmente tende a se apegar a um acontecimento considerado fundador, simplificando todo o restante do passado. Por outro lado, ela também simplifica a noção de tempo, fazendo apenas grandes diferenciações entre o presente ("nossos dias") e o passado ("antigamente": por exemplo). Além disso, mais do que em datas, a memória coletiva se baseia em imagens e paisagens. O próprio esquecimento é também um aspecto relevante para a compreensão da memória de grupos e comunidades, pois muitas vezes é voluntário, indicando a vontade do grupo de ocultar determinados fatos. Assim, a memória coletiva reelabora constantemente os fatos (SILVA e SILVA, 2006, p.58).

É importante considerar também que o passar dos anos confunde e embaralha as memórias, tornando o relato um pouco confuso. Nesses momentos, faz-se necessário refazer algumas perguntas, usando de outros caminhos/palavras, na tentativa de possibilitar a “reorganização” das memórias e a capacidade de expressão daquilo que as entrevistadas estavam tentando transmitir. Com isso, na transcrição das entrevistas, algumas memórias e histórias precisaram ser remontadas para serem compreendidas. A esse respeito, e especificamente sobre a moderna História Oral e suas argumentações sobre o conceito de verdade, Meihy (1998) argumenta:

Para oralistas, diferentemente do que se supunha tradicionalmente, não se busca com as entrevistas atingir a verdade ou verdades objetivas. O que emerge é sempre a versão dos fatos e nestes casos pouco ou nada valem eles serem ou não legítimos. Um exemplo eloquente das possibilidades da história oral diz respeito, por exemplo, à alternativa de se buscar o entendimento de experiências que, de regra, não caberiam nas lógicas de pesquisas comuns (MEIHY, 1998, p.26).

Considera-se com isso, a possibilidade de que algumas entrevistadas tenham apresentado certa confusão com datas, nomes específicos e passagens de tempo, mas que tais confusões não comprometem os resultados da pesquisa, pois compõem a formação das memórias das professoras.

Por fim, mais do que uma pesquisa sobre a Imprensa Periódica Pedagógica ou Imprensa de Educação e Ensino, este é um trabalho que fala sobre a docência, por isso, durante as entrevistas, sentimentos e memórias relativas ao fazer docente foram disparadas e sentimento de orgulho pelo magistério e pela possibilidade de reencontrar ex-alunos e experimentar o sentimento de contribuição para a formação de um ser humano, foram comuns entre as entrevistas e também marcaram a trajetória da pesquisa.

Além disso, todas as entrevistadas realizaram o exercício de comparar a educação realizada durante a sua atuação profissional com a percebida ser praticada na atualidade, citando o relacionamento com os alunos, a questão da disciplina e o respeito com o professor, como os aspectos que mais foram modificados na educação atual. Elas evidenciam que preferem uma educação centrada na disciplina e no respeito em sala de aula, opinião convergente com as propostas transmitidas pela Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, principalmente nos anos 70.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os vários trabalhos já produzidos sobre a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul e sobre a Imprensa Periódica Pedagógica ou Imprensa de Educação e Ensino, nos indicam a relevância da temática, foco de atenção de diversos pesquisadores que buscam entender, nas mais variadas áreas, o comportamento da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, analisando os materiais e discursos publicados. Este trabalho, no entanto, diferencia-se dos demais ao dar voz para memórias docentes, buscando problematizar e compreender os mecanismos de funcionamento e propagação das práticas e ideias difundidas pela Revista, mas considerando que embora a RE/RS ocupasse a posição de produtora das ideias, são os professores que, enquanto figuras centrais do processo educacional, definem quais propostas são realmente transferidas para a sala de aula. Com isso, buscou-se por meio dos professores, compreender a real e prática influência da RE/RS questionando sobre a sua aplicação e eficácia.

As entrevistas realizadas buscavam investigar o fazer docente de cada entrevistado e, assim, compreender como a Revista do Ensino o influenciava, avaliando se as indicações feitas pela Revista eram realmente postas em prática. Para tal, investigou-se a credibilidade da Revista junto aos professores e se ela era capaz de suprir as necessidades dos professores, como maneiras de se visualizar a sua utilização na prática docente.

E, somando-se a todos os trabalhos já desenvolvidos com a temática, avaliou-se que a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul era bastante utilizada como subsídio para o trabalho docente, já que as professoras entrevistadas relataram tratar-se de um material de ampla circulação e aceitação entre os professores, que buscavam em suas páginas sugestões para o trabalho executado em sala de aula.

Além disso, durante o processo de investigação, as memórias docentes ganharam papel de destaque, surpreendendo pela vivacidade dos sentimentos experimentados há mais de 20 ou 30 anos e demonstrando o quanto as memórias podem ser vivas e importantes para ajudar a compreender um capítulo da história da educação.

Ao mesmo tempo, as memórias das professoras permitiram a compreensão de que mais do que um trabalho sobre a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, esta é uma pesquisa sobre o magistério, sobre o fazer docente e, especialmente, sobre a capacidade que as entrevistadas tiveram de, ao recordar-se do tempo passado, reviver tristezas, dores, orgulhos e outros sentimentos típicos em pessoas que empenharam-se em buscar a construção de uma educação melhor, mais democrática e capaz de abranger as necessidades e especificidades de cada turma. Dar voz a estas memórias, mais do que reviver o passado, é valorizar o docente, que doa sua vida ao magistério e termina seus dias, algumas vezes, tendo somente as memórias como algo de valor.

Conclui-se que ao dar atenção e ouvidos para estas memórias e, com isso, ter a possibilidade de compreender os processos que moviam a educação e que podem ser a origem da educação que vivenciamos atualmente, foi possível perceber a atuação e influência da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul e, assim, somar este trabalho a todos os demais que defendem a importância de pesquisas sobre a Imprensa Periódica Pedagógica como um arquivo vivo sobre a história da educação.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Helena Camara. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951 – 1992). In: BASTOS, Maria Helena Camara; CATANI, Denice Barbara (Org.). **Educação em Revista – A Imprensa Pedagógica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 47-75. 2ª edição.

\_\_\_\_\_. As primaveras da Revista do Ensino: História de um projeto editorial (1951-1992). In: **A Revista do ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942): O Novo e o Nacional em Revista**. Pelotas: Seiva, 2005.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRENNAND, Edna Gusmão de Góes. **Buscando em Paulo Freire as concepções de indivíduo e mundo**. Disponível em <[http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Files/revista/Buscando\\_em\\_Paulo\\_Freire\\_as\\_concecoes\\_de\\_individuo\\_e\\_mundo.pdf](http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Files/revista/Buscando_em_Paulo_Freire_as_concecoes_de_individuo_e_mundo.pdf)>. Acesso em 25 de abril de 2017.

CARVALHO, Rodrigo. **A invenção do Pedagogo Generalista: Problematizando discursos implicados no governo de professores em formação**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

CATANI, Denice Barbara. **A imprensa periódica: as revistas do ensino e o estudo do campo educacional**. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/viewFile/928/842>>. Acesso em 20 de abril de 2017.

COSTA, Ricardo. **História e memória: a importância da preservação e da recordação do passado**. SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais, Vitória: UFES, v.1, n.02, 2007. p.02-15.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, Pierre (Org.). **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999. p.23-38.

FRANCO, Maria Amélia Santoro, LIBÂNEO, José Carlos & PIMENTA, Selma. **Elementos para a formulação de diretrizes curriculares para cursos de Pedagogia**. Cadernos de Pesquisa, v.37, n. 130, p.63-97, jan./abr, 2007.

GERVASIO, Simôni Costa Monteiro; BICA, Alessandro Carvalho. **Os editoriais da Revista do Ensino e as propostas metodológicas veiculadas aos professores do Rio Grande do Sul na década de 70**. ENCONTRO ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 20, 2014, Porto Alegre, Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2014. p. 1132-1152.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?**. São Paulo: Cortez, 2010. 12ª edição.

LIMA, Bruno Reikdal. **O sujeito na pedagogia de Paulo Freire**. Disponível em <<https://brunoreikdal.wordpress.com/2015/05/20/o-sujeito-na-pedagogia-de-paulo-freire/>> Acesso em 25 de abril de 2017.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. Edições Loyola: São Paulo, 1998.

MIRANDA, Maria Irene. **As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia: a configuração do projeto pedagógico** Anais do XIV ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, Porto Alegre, 2008.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. In: Les lieux de mémoire. Tradução de Yara Aun khoury. Departamento de história, PUC/SP, 1993.

NÓVOA, António. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CATANI, Denice Barbara (Org.). **Educação em Revista – A Imprensa Pedagógica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 11-31.

PEREIRA, Luiz Henrique Ferraz. **Os discursos sobre a matemática publicados na Revista do Ensino do Rio Grande do Sul – (1951 – 1978)**. Porto Alegre: PUC, 2010. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, v. 5, n.10, 1992

RODRIGUES, Elaine. A Imprensa Pedagógica como fonte, tema e objeto para a História da Educação. In: COSTA, Célio Juvenal; MELO, José Joaquim Pereira; FABIANO; Luiz Hermenegildo. (Orgs). **Fontes e métodos em história da educação**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010. p. 311-326.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

SILVA, Ligiane Aparecida da; LIMA, Rosilene da. **Jacques Le Goff: Estudo de conceitos em História da Educação**. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, IX, 2009, Porto Alegre. Anais do III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUC: Porto Alegre, 2009. p. 9783-9793.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. A Pesquisa e a Produção de Conhecimentos. In: **Caderno de Formação: Formação de Professores, Educação, Cultura e**

**Desenvolvimento.** Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

## APÊNDICE A - Modelo de instrumento usado para a coleta de dados

### QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Nome:

Idade?

Formação? Local? Ano?

Em que ano começou a dar aula? Em que ano se aposentou?

Tempo de docência?

Em qual período?

Área de atuação? Qual nível? Em qual rede?

Onde trabalhava?

Conheceu as Revistas do Ensino do Rio Grande do Sul? Ainda possui?

Em qual período?

Como e onde tinha acesso às Revistas? Valor? O acesso era fácil?

O que achava do material? Ele era útil? Em quais aspectos?

Que tipo de material a Revista do Ensino oferecia aos professores?

Como era a receptividade dos professores a Revista do Ensino? Ela era relevante para os professores?

Ela supria as necessidades dos professores ou era necessário buscar outros materiais?

Além da Revista do Ensino, algum material didático foi produzido? Ainda possui?

Buscava seguir as indicações de práticas e métodos que a Revista do Ensino oferecia?

Qual, na sua opinião, a importância/relevância da Revista do Ensino para os professores do período em que ela foi editada?

**APÊNDICE B** - Modelo de termo de consentimento usado com os entrevistados

**TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA**

Entendo que fui convidado a participar do estudo sobre as Revistas do Ensino do Rio Grande do Sul realizado por Simôni Costa Monteiro Gervasio, orientado por Alessandro Carvalho Bica, professor da Especialização em Educação e Diversidade Cultural (alessandro.bica@unipampa.edu.br) na Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus Bagé.

Declaro que fui informado de que o propósito do estudo é investigar o funcionamento da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul na prática docente e que a entrevista realizada para a pesquisa será gravada em vídeo.

Entendo que posso beneficiar-me com o recebimento dos resultados do estudo, se desejar.

Entendo que posso desistir de participar do estudo livremente, a qualquer momento.

Entendo que, possivelmente, os dados deste estudo poderão ser publicados.

\_\_\_\_\_  
Lugar e data

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

Nome:

CPF:

**ANEXOS – Termos de livre consentimento para utilização de informações e imagens das entrevistas nesta pesquisa**



**TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA**

Entendo que fui convidado a participar do estudo sobre as Revistas do Ensino do Rio Grande do Sul realizado por Simôni Costa Monteiro Gervasio, orientado por Alessandro Carvalho Bica, professor da Especialização em Educação e Diversidade Cultural (alessandro.bica@unipampa.edu.br) na Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus Bagé.

Declaro que fui informado de que o propósito do estudo é investigar o funcionamento da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul na prática docente e que a entrevista realizada para a pesquisa será gravada em vídeo.

Entendo que posso beneficiar-me com o recebimento dos resultados do estudo, se desejar.

Entendo que posso desistir de participar do estudo livremente, a qualquer momento.

Entendo que, possivelmente, os dados deste estudo poderão ser publicados.

Bagé, 18 de maio 2016

Lugar e data

Cleó de Vasconcelos Nochi

Assinatura do participante

Nome: Cleó de Vasconcelos Nochi

CPF: 009 401 000-53

### TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Entendo que fui convidado a participar do estudo sobre as Revistas do Ensino do Rio Grande do Sul realizado por Simôni Costa Monteiro Gervasio, orientado por Alessandro Carvalho Bica, professor da Especialização em Educação e Diversidade Cultural (alessandro.bica@unipampa.edu.br) na Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus Bagé.

Declaro que fui informado de que o propósito do estudo é investigar o funcionamento da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul na prática docente e que a entrevista realizada para a pesquisa será gravada em vídeo.

Entendo que posso beneficiar-me com o recebimento dos resultados do estudo, se desejar.

Entendo que posso desistir de participar do estudo livremente, a qualquer momento.

Entendo que, possivelmente, os dados deste estudo poderão ser publicados.

Bagé, 23 de maio de 2016

Lugar e data

M. Helena Bica Monteiro

Assinatura do participante

Nome:

CPF: 167.827.710-09

## TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Entendo que fui convidado a participar do estudo sobre as Revistas do Ensino do Rio Grande do Sul realizado por Simôni Costa Monteiro Gervasio, orientado por Alessandro Carvalho Bica, professor da Especialização em Educação e Diversidade Cultural (alessandro.bica@unipampa.edu.br) na Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus Bagé.

Declaro que fui informado de que o propósito do estudo é investigar o funcionamento da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul na prática docente e que a entrevista realizada para a pesquisa será gravada em vídeo.

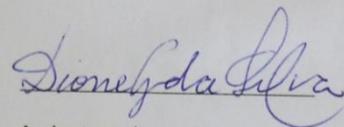
Entendo que posso beneficiar-me com o recebimento dos resultados do estudo, se desejar.

Entendo que posso desistir de participar do estudo livremente, a qualquer momento.

Entendo que, possivelmente, os dados deste estudo poderão ser publicados.

Bagé, 19 de julho de 2016

Lugar e data



Assinatura do participante

Nome: Dione Gonçalves da  
Silva

CPF: 10257527087

## TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Entendo que fui convidado a participar do estudo sobre as Revistas do Ensino do Rio Grande do Sul realizado por Simôni Costa Monteiro Gervasio, orientado por Alessandro Carvalho Bica, professor da Especialização em Educação e Diversidade Cultural (alessandro.bica@unipampa.edu.br) na Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus Bagé.

Declaro que fui informado de que o propósito do estudo é investigar o funcionamento da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul na prática docente e que a entrevista realizada para a pesquisa será gravada em vídeo.

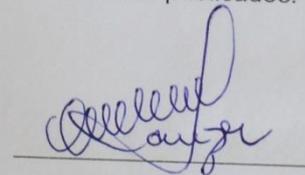
Entendo que posso beneficiar-me com o recebimento dos resultados do estudo, se desejar.

Entendo que posso desistir de participar do estudo livremente, a qualquer momento.

Entendo que, possivelmente, os dados deste estudo poderão ser publicados.

Bagé, 04/04/16

Lugar e data



Assinatura do participante

Nome: Elenara Nunes Langer

CPF: 170 492 100 72

### TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Entendo que fui convidado a participar do estudo sobre as Revistas do Ensino do Rio Grande do Sul realizado por Simôni Costa Monteiro Gervasio, orientado por Alessandro Carvalho Bica, professor da Especialização em Educação e Diversidade Cultural (alessandro.bica@unipampa.edu.br) na Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus Bagé.

Declaro que fui informado de que o propósito do estudo é investigar o funcionamento da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul na prática docente e que a entrevista realizada para a pesquisa será gravada em vídeo.

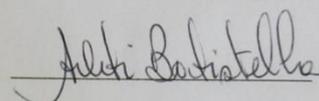
Entendo que posso beneficiar-me com o recebimento dos resultados do estudo, se desejar.

Entendo que posso desistir de participar do estudo livremente, a qualquer momento.

Entendo que, possivelmente, os dados deste estudo poderão ser publicados.

Bagé, 28/07/16

Lugar e data



Assinatura do participante

Nome:

Arleti Batistella

CPF:

270030000/91

## TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Entendo que fui convidado a participar do estudo sobre as Revistas do Ensino do Rio Grande do Sul realizado por Simôni Costa Monteiro Gervasio, orientado por Alessandro Carvalho Bica, professor da Especialização em Educação e Diversidade Cultural (alessandro.bica@unipampa.edu.br) na Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus Bagé.

Declaro que fui informado de que o propósito do estudo é investigar o funcionamento da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul na prática docente e que a entrevista realizada para a pesquisa será gravada em vídeo.

Entendo que posso beneficiar-me com o recebimento dos resultados do estudo, se desejar.

Entendo que posso desistir de participar do estudo livremente, a qualquer momento.

Entendo que, possivelmente, os dados deste estudo poderão ser publicados.

Bagé, 23 agosto 2016

Lugar e data

Marcia D. Mello

Assinatura do participante

Nome: Marcia Duro Mello

CPF: